

LUIGI PIRANDELLO



ESTA NOITE SE IMPROVISA

TORÞSILHAS PRÊMIONOBEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LUIGI PIRANDELLO



ESTA NOITE SE IMPROVISA

TORÇILHAS PRÊMIO NOBEL

“Esta noite, o teatro está repleto daqueles espectadores especiais que têm o hábito de assistir às estreias de todas as peças. O anúncio de um espetáculo insólito *de improvisação* em jornais e cartazes despertou grande curiosidade em todos. Só os senhores críticos teatrais dos jornais da cidade não a deixam transparecer, porque acreditam que poderão dizer facilmente amanhã que bela porcaria terá sido. (Meu Deus, algo parecido com a velha *commedia dell'arte*: mas onde estão, hoje, os atores capazes de improvisar, como faziam em seu tempo aqueles cômicos endiabrados da *commedia dell'arte*, aos quais, de resto, os roteiros antigos, a máscara tradicional e os repertórios facilitavam bastante a tarefa?)”

Esta noite se improvisa

Obras reunidas de Luigi Pirandello

Assim é (se lhe parece)

Esta noite se improvisa

O homem da flor na boca [no prelo]

Luigi Pirandello

Esta noite se improvisa

Tradução de
Sérgio N. Melo

TORDESILHAS

Copyright © 2020 Tordesilhas Livros

Título original: *Questa sera si recita a soggetto*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

PREPARAÇÃO Ibraíma Dafonte Tavares

REVISÃO Mariana Correia Santos

PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

CAPA E ILUSTRAÇÃO Amanda Cestaro

CONVERSÃO PARA EPUB Cumbuca Studio

1ª edição, 2020

ISBN 978-65-5568-001-0

2020

TORDESILHAS É UM SELO DA ALAÚDE EDITORIAL LTDA.

AVENIDA PAULISTA, 1337, CONJUNTO 11

01311-200 – SÃO PAULO – SP

WWW.TORDESILHASLIVROS.COM.BR



/Tordesilhas



/Tordesilhaslivros

blog.tordesilhaslivros.com.br

Sumário

- Capa
- Folha de Rosto
- Créditos
- Apresentação
- Primeiro ato
- Segundo ato
- Entreato
- Terceiro ato
- Cronologia
- Bibliografia
- Sobre o tradutor

Landmarks

- Capa
- Folha de Rosto
- Página de Créditos
- Sumário
- Início
- Bibliografia

Apresentação

Numa cidade da Sicília do início do século XX, a família La Croce vive seus dramas pequeno-burgueses: o pai se apaixona por uma cantora de cabaré; as filhas são cortejadas por oficiais aviadores; uma delas se torna estrela da ópera; outra vive um drama no casamento.

Este enredo, extraído da novela *Leonora, addio*, escrita pelo próprio Pirandello, é narrado pelo Doutor Hinkfuss, que é ao mesmo tempo personagem da história de uma companhia teatral, que ele dirige. Assim, em *Esta noite se improvisa*, dois enredos correm paralelos: as tribulações de Rico Verri, Mommina, Totina, Dorina e Nenè, do Senhor Palmiro e da Senhora Ignazia – todos personagens de *Leonora, addio* – e o ensaio teatral no qual a Atriz Principal, a Atriz Característica, o Ator Principal, o Velho Ator Espirituoso e o distinto público dão vida à família La Croce.

No ensaio desta peça dentro da peça, o diretor Doutor Hinkfuss quer que os atores improvisem e construam o espetáculo – que depois será moldado segundo a sua percepção –, mas estes se rebelam, pois se sentem incapazes disso. Com uma encenação complexa, *Esta noite se improvisa* alterna, assim, duas realidades, duas histórias, que acabam por tratar também do efeito de ilusão proporcionado pelo próprio teatro.

Escrita em 1929, a peça faz parte da trilogia do teatro no teatro, que começou com *Seis personagens à procura de um autor* e conta também com *Cada qual a seu modo*.

Luigi Pirandello

Esta noite se improvisa

Advertência

O anúncio desta comédia, tanto nos jornais como nos cartazes, deve ser feito sem o nome do autor, assim:

TEATRO N. N.
ESTA NOITE SE IMPROVISA
<i>direção de</i>
DOUTOR HINKFUSS
.....
com a participação do público,
que fará o favor de cooperar,
das senhoras
e dos senhores

Sobre os pontinhos colocam-se os nomes das atrizes e dos atores principais. Não é pouco, mas é suficiente.

Esta noite, o teatro está repleto daqueles espectadores especiais que têm o hábito de assistir às estreias de todas as peças.

O anúncio de um espetáculo insólito *de improvisação* em jornais e cartazes despertou grande curiosidade em todos. Só os senhores críticos teatrais dos jornais da cidade não a deixam transparecer, porque acreditam que poderão dizer facilmente amanhã que bela porcaria terá sido. (Meu Deus, algo parecido com a velha *commedia dell'arte*: mas onde estão, hoje, os atores capazes de improvisar, como faziam em seu tempo aqueles cômicos endiabrados da *commedia dell'arte*, aos quais, de resto, os roteiros antigos, a máscara tradicional e os repertórios facilitavam bastante a tarefa?) Há nos críticos certa fúria porque não se lê, nem nos cartazes, nem em lugar algum, o nome do escritor que terá, enfim, dado aos atores desta noite e ao diretor um roteiro: privados de qualquer informação que lhes possa comodamente inspirar um julgamento preestabelecido, temem cair em contradição.

Pontualmente, na hora marcada para a apresentação, as luzes da plateia se apagam enquanto as da ribalta se acendem baixas no palco.

(Inicialmente, na escuridão repentina, o público fica atento; depois, não ouvindo o gongo que costuma anunciar a abertura da cortina, começa a agitar-se um pouco; e mais ainda quando percebe, por trás da cortina, vinda do palco, uma mistura de vozes exaltadas, como se os atores protestassem e fossem repreendidos por alguém que tentasse forçá-los a calar seus protestos.)

SENHOR DO FUNDO

(olha ao redor e pergunta em voz alta)

O que está acontecendo?

OUTRO DA GALERIA

Parece uma discussão no palco.

TERCEIRO DA FRENTE

Talvez faça parte do espetáculo.

(alguém ri)

ANCIÃO DO CAMAROTE

(como se aquela balbúrdia fosse uma ofensa a sua seriedade de espectador exemplar)

Que escândalo é este? Onde já se viu uma coisa dessas?

VELHA

(levantando-se de supetão do assento de uma das últimas fileiras da plateia, com uma cara de galinha assustada)

Será que não é um incêndio? Deus me livre!

MARIDO DA VELHA

(contendo-a imediatamente)

Está maluca? Incêndio coisa nenhuma. Sente-se e fique quieta.

JOVEM AO LADO

(com um sorriso melancólico de compaixão)

Não diga isso nem brincando! Teriam fechado a cortina de segurança, minha senhora.

(finalmente, soa o gongo no palco)

ALGUNS, NO FUNDO

Até que enfim. Até que enfim.

OUTROS

Silêncio, silêncio!

(Mas a cortina não se abre. Em vez disso, ouve-se novamente o gongo, ao qual responde, do fundo da plateia, a voz caprichosa do Doutor Hinkfuss, que abre com violência a porta e entra irado pelo corredor que divide a plateia ao meio.)

DOCTOR HINKFUSS

Que diabo de gongo é esse? Que diabo de gongo é esse? Quem é que mandou tocar o gongo? Quem manda tocar ou não tocar o gongo sou eu!

(O Doutor Hinkfuss grita essas palavras enquanto atravessa o corredor e sobe os três degraus pelos quais se pode acessar o palco pela plateia. Então, ele se volta para o público, contendo com admirável prontidão o frêmito dos nervos. De fraque, com um rolo de páginas embaixo do braço, o Doutor Hinkfuss vive a condenação por demais terrível e injusta de ser um homenzinho pouco mais alto do que um braço. Mas se desforra disso usando uma cabeleira que lhe faz ficar com uma cabeça enorme. Olha primeiramente para as mãozinhas, que talvez provoquem asco até mesmo nele, de tanto que seus dedos são finos, pálidos e peludos como lagartas. Além disso, fala sem dar muito peso às palavras.)

Lamento a desordem momentânea que o público pôde perceber atrás da cortina, antes da apresentação, e peço desculpas por isso; ainda que, talvez, querendo incorporá-la, considerando-a como prólogo involuntário...

SENHOR DA FRENTE

(interrompendo, contentíssimo)

Isso mesmo! Foi o que eu disse!

DOUTOR HINKFUSS

(com uma dureza fria)

O senhor tem alguma observação a fazer?

SENHOR DA FRENTE

Nenhuma. Só estou contente porque adivinhei.

DOUTOR HINKFUSS

Adivinhou o quê?

SENHOR DA FRENTE

Que aquela confusão fazia parte do espetáculo.

DOUTOR HINKFUSS

Ah, é? Sério? Pareceu ao senhor que a confusão foi um truque? Justo hoje, que estou tentando pôr as cartas na mesa! Não se iluda, meu caro senhor. Eu disse prólogo involuntário e acrescento não completamente impróprio, talvez, em relação ao espetáculo que, em breve, os senhores vão assistir. Peço-lhe que não me interrompa. Atenção, senhoras e senhores.

(tira o rolo de páginas de baixo do braço)

Nestas poucas páginas há tudo de que preciso. Quase nada. Uma novelinha, ou pouco mais, com um ou outro diálogo, de um escritor que não é desconhecido de vocês.

ALGUNS, NO FUNDO

O nome! O nome!

OUTRO, NA GALERIA

Quem é?

DOUTOR HINKFUSS

Por favor, senhores, por favor. Eu não tinha a intenção de chamar o público para uma reunião. Quero, sim, responder sobre o que fiz; mas não posso admitir que me façam perguntas durante a apresentação.

SENHOR DA FRENTE

Mas ainda não começou.

DOUTOR HINKFUSS

Sim, senhor; começou. E quem menos tem o direito de achar que ainda não começou é justamente o senhor, que pensou que aquela confusão do início fosse parte do espetáculo. Se eu estou aqui diante de vocês, a apresentação começou.

ANCIÃO DO CAMAROTE

(corado)

Achei que fosse para nos pedir desculpas pelo absurdo daquela balbúrdia. De resto, informo-lhe que não vim aqui para escutar o senhor dar uma palestra.

DOUTOR HINKFUSS

Palestra coisa nenhuma! Por que o senhor ousa acreditar e gritar assim tão alto que eu esteja aqui para lhe fazer ouvir uma palestra?

(o Ancião, muito indignado, levanta-se imediatamente e sai resmungando pelo camarote)

Se quiser, pode ir embora mesmo! Ninguém o está segurando! Só estou aqui, senhores, para prepará-los para tudo de insólito que vão ver esta noite. Creio que mereço a atenção dos senhores. Querem saber quem é o autor da novelinha? Eu até poderia lhes dizer.

ALGUNS, NO FUNDO

Isso, diga! Diga!

DOUTOR HINKFUSS

Muito bem; digo: Pirandello.

EXCLAMAÇÕES NA PLATEIA

Uhhh...

SUJEITO DA GALERIA

(em voz alta, dominando as exclamações)

E quem é esse?

(muitos riem na plateia e nos camarotes)

DOUTOR HINKFUSS

(rindo um pouco também)

Sim, aquele mesmo; incorrigível! Bem, ele já aprontou com dois colegas meus, mandando a um deles, pela primeira vez, seis personagens perdidos à procura de um autor, que desencadearam uma revolução no palco e fizeram com que todos perdessem a cabeça; e, numa outra vez, apresentando de forma enganosa uma comédia baseada em fatos reais, pela qual um outro colega meu se viu com o espetáculo completamente bagunçado pelo público todo de pé. Fiquem tranquilos. Eu o eliminei. O nome dele nem consta nos cartazes; até porque seria injusto da minha parte responsabilizá-lo, mesmo que só um pouco, pelo espetáculo desta noite. O único responsável sou eu.

Usei uma novela dele, como poderia ter usado a de outro. Preferi uma dele porque, entre todos os escritores de teatro, talvez seja o único que tenha demonstrado compreender que a obra do escritor termina exatamente no ponto em que ele escreve a última palavra. Ele responderá sobre essa sua obra ao público de leitores e aos senhores críticos dramáticos, que julgam sentados no teatro.

VOZES NA SALA

Ah, não! Essa é boa!

DOUTOR HINKFUSS

Não, senhores. Porque, no teatro, a obra do escritor não existe mais.

SUJEITO DA GALERIA

E o que existe, então?

DOUTOR HINKFUSS

A criação cênica que eu fiz, e que é somente minha.

Volto a rogar ao público que não me interrompa. E aviso (já que vi algum dos senhores críticos rirem) que esta é minha convicção. Têm todo o direito de não a respeitarem e de continuarem a culpar o escritor, que, entretanto, convenhamos, terá o direito de rir de suas críticas do mesmo modo como eles agora riem da minha convicção: nesse caso, que fique bem claro: apenas se as críticas forem desfavoráveis; porque, do contrário, será injusto, em vez disso, que o escritor colha os louros que me pertencem. A minha convicção é fundada em razões sólidas. Eis aqui a obra do escritor.

(mostra o rolo de páginas)

O que faço? Eu me aposso da matéria da criação cênica e me sirvo dela como me sirvo do talento dos atores escolhidos para representar os papéis de acordo com a interpretação que eu fizer; dos cenógrafos, a quem peço que pintem e arquitetem os cenários; dos operários, que os erguem; e dos eletricitistas, que os iluminam; todos trabalhando de acordo com os ensinamentos, as sugestões e as indicações que eu der.

Em outro teatro, com outros atores e outros cenários, com outras disposições e outras luzes, os senhores hão de admitir que a criação cênica será certamente outra. E, com isso, não lhes parece demonstrado que aquilo que se julga no teatro nunca é a obra do escritor (que existe apenas no texto), mas as criações cênicas que se fizeram dela, cada qual diferente das outras, múltiplas, enquanto a obra do escritor é unitária? Para que se julgue um texto, é necessário conhecê-lo; no teatro, isso não é possível através de uma interpretação, que, feita por certos atores, será uma e, feita por outros, será com certeza outra. A única possibilidade seria se a obra pudesse representar-se a si mesma, não mais com os atores, mas com os seus próprios personagens, que, por prodígio, assumissem corpo e voz. Em tal caso, sim, poderia ser julgada no teatro. Mas se pode atingir tal prodígio? Ninguém jamais viu isso até este momento. E então, senhores, há aquele que, com maior ou menor empenho, põe a sua engenhosidade a serviço de realizar com os seus atores, o diretor. O único que pode fazê-lo. Eu os convido a considerar que uma obra de arte é fixada para sempre em uma forma imutável, que representa a libertação do poeta do seu trabalho criativo: a quietude perfeita alcançada depois de todas as agitações desse trabalho.

Muito bem.

Parece aos senhores que não possa haver vida onde nada se move? Onde tudo repousa em perfeita quietude?

A vida deve obedecer a duas necessidades, que, por serem opostas, não consentem nem que ela mantenha a consistência com durabilidade nem que se movimente sempre. Se a vida se movimentasse sempre, jamais manteria a consistência; se mantivesse a consistência para sempre, não se movimentaria. E é preciso que a vida mantenha a consistência tanto quanto se movimente.

O poeta se ilude quando acredita ter encontrado a libertação e ter

atingido a quietude, fixando para sempre em uma forma imutável a sua obra de arte. Apenas acabou de viver sua obra. A libertação e a quietude não se obtêm senão a custo de parar de viver.

E quantos há que as encontraram e atingiram e estão nessa pobre ilusão, acreditando-se ainda vivos, estando, ao contrário, tão mortos que não identificam nem mesmo o cheiro de seus próprios cadáveres?

Se uma obra de arte sobrevive, é somente porque nós ainda podemos tirá-la da fixidez da sua forma e soltar essa sua forma dentro de nós em movimento vital; e a vida lhe damos nós; diversa de tempos em tempos e múltipla através da perspectiva de cada um de nós; múltiplas vidas e não uma única; como se pode deduzir das contínuas discussões que se travam e que nascem da atitude de não se querer acreditar nisto: que somos nós a darmos essa vida; uma vez que de fato não é possível que a vida que eu venha a dar seja igual àquela que lhe venha a dar outro. Peço desculpas aos senhores pela longa digressão que tive de fazer para chegar a isto, que é o ponto a que eu queria chegar.

“Mas quem disse ao senhor que a arte deve ser vida? Como o senhor diz, a vida deve obedecer a duas necessidades opostas e, por isso, não é arte; como a arte não é vida exatamente porque consegue se libertar dessas necessidades opostas, e consiste, para sempre, na imutabilidade da sua forma. E, justamente por isso, a arte é o reino da completa criação, ali onde a vida é, como deve ser, numa formação infinitamente variada e continuamente mutável. Cada um de nós procura criar a si mesmo e a própria vida com as mesmas faculdades do espírito com que o poeta cria a sua obra de arte. E, de fato, quem é dotado dessas faculdades e sabe operá-las melhor consegue atingir um estado mais elevado e fazê-lo manter a consistência com mais durabilidade. Porém, não será jamais uma verdadeira criação; antes de tudo, porque está destinada a se deteriorar e a se extinguir conosco no tempo; depois porque, tendendo a atingir uma finalidade, nunca será livre; e, finalmente, porque exposta a todos os tipos de casos imprevistos, a todos os obstáculos que os outros lhe infligem, corre o risco constante de ser contrariada, desviada e deformada. Em certo sentido, a arte vinga a vida porque a sua criação é verdadeira na medida em que é liberada do tempo, dos casos e dos obstáculos sem outro fim que não seja si mesma.”

Sim, senhores, eu respondo: é assim mesmo.

E tantas vezes, digo aos senhores, ocorreu-me de pensar, ao contrário, com angustiante desalento, a eternidade de uma obra de arte como uma

inalcançável solidão divina.

Tremenda, na imobilidade da sua atitude, uma estátua.

Tremenda, essa eterna solidão das formas imutáveis, fora do tempo.

Todos os escultores (eu não sei, mas suponho), depois de criarem uma estátua, se verdadeiramente acreditam terem lhe dado vida, devem desejar que ela, como coisa viva, possa se libertar e se movimentar e falar.

Deixaria de ser estátua para se tornar pessoa viva. Mas apenas mediante esse pacto, senhores, pode-se traduzir em vida e pôr-se em movimento outra vez o que a arte fixou na imutabilidade de outra forma; mediante o pacto de que essa forma readquira movimento através de nós, uma vida plural e diversa e momentânea: a que cada um de nós será capaz de lhe dar.

Hoje em dia se encontram, com prazer na sua divina solidão fora do tempo, as obras de arte. Os espectadores, depois de um dia de cuidados onerosos, operações trabalhosas e inquietações de todo tipo, à noite, no teatro, querem se divertir.

SENHOR DA FRENTE

Vamos à graça! Mas com Pirandello?

(*risos*)

DOUTOR HINKFUSS

Não há perigo. Estamos seguros.

(*mostra novamente o rolo de páginas*)

Bobagem. Faço eu, faço eu. Tudo será feito por mim.

E acredito ter criado um espetáculo agradável se os quadros procederem com o cuidado atento com que eu os preparei, tanto no geral quanto no particular; e se os meus atores corresponderem inteiramente à confiança que neles depus. De resto, vou ficar aqui com os senhores, pronto para intervir se necessário for; ou, diante de qualquer empecilho, por menor que seja, reorientar a apresentação; ou para preencher qualquer lacuna do trabalho com esclarecimentos e explicações; o que (eu me alegro) fará com que seja mais agradável esta tentativa de *performance* improvisada. Dividi o espetáculo em vários quadros, com breves pausas de um para outro. Frequentemente, apenas um breve *blackout*, do qual um novo quadro

nasce de improviso, ou aqui, no palco, ou entre os senhores; sim, na sala (deixei, de propósito, vazio ali, um camarote, que será ocupado pelos atores; e então todos os senhores participarão da ação.) Uma pausa mais longa será concedida de modo que os senhores possam sair da sala, mas não para um intervalo, aviso-lhes desde agora, porque eu lhes preparei uma nova surpresa ali também, no *foyer*.

Uma última premissa brevíssima para que os senhores possam se orientar desde já.

A ação se desenvolve numa cidade do interior da Sicília, onde (como sabem) as paixões são mais fortes e ficam taciturnamente encubadas para depois se tornarem violentas: particularmente entre todas, ferocíssimo, o ciúme. A novela representa um desses casos de ciúme, e o mais tremendo, porque irremediável: aquele do passado. E ocorre exatamente em uma família da qual se deveria manter, mais do que nunca, distância, porque, em meio à clausura, quase hermética em relação a todas as outras, é a única aberta aos forasteiros, com uma hospitalidade excessiva – atitude proposital como é, que desafia a maledicência e confronta orgulhosamente o escândalo que as outras fazem a seu respeito.

A família La Croce.

Compõe-se, como os senhores verão, do pai, Senhor Palmiro, engenheiro de minas: Sampognetta, como o chamam todos porque, distraído, está sempre assoviando; da mãe, Senhora Ignazia, natural de Nápoles, tida na cidade como a Generala; e de quatro filhas bonitas, gorduchas, sentimentais, vivazes e apaixonadas:

Mommina,

Totina,

Dorina,

Nenè.

E agora, com licença.

(bate palmas, indicando que a performance vai começar e, afastando um pouco a cortina, dá um comando para a coxia)

Gongo!

(ouve-se uma batida de gongo)

Estou chamando os atores para a apresentação dos personagens.

(Abre-se a cortina)

Primeiro ato

(vê-se, quase ao fundo, uma leve tenda verde com uma abertura no meio)

DOUTOR HINKFUSS

(abrindo um pouco a tenda e chamando)

Por favor, o senhor... *(pronuncia o nome do Ator Principal, que faz o papel de Rico Verri, mas o Ator Principal, embora esteja dentro da tenda, não quer sair dali; assim, o Doutor Hinkfuss fala)* Por favor, por favor, saia da tenda, senhor... *(novamente pronuncia o nome do Ator Principal)* Espero que o senhor não ouse insistir no seu protesto também diante do público.

ATOR PRINCIPAL

(vestido e maquiado como Rico Verri, com farda oficial de aviador, sai da tenda excitadíssimo)

Eu insisto, sim, senhor! E mais ainda depois que o senhor ousou me chamar pelo meu nome diante do público.

DOUTOR HINKFUSS

Então eu lhe ofendi?

ATOR PRINCIPAL

Sim, e continua me ofendendo sem ter consciência disso, discutindo comigo aqui depois de ter me forçado a sair da tenda.

DOUTOR HINKFUSS

Quem disse que estamos discutindo? O senhor está discutindo! Eu estou pedindo ao senhor que cumpra o seu dever.

ATOR PRINCIPAL

Eu estou pronto. Quando estiver na hora da minha cena.

(retira-se, afastando um dos lados da tenda num ato de irritação)

DOUTOR HINKFUSS

(constrangido)

Eu queria apresentá-lo...

ATOR PRINCIPAL

(saindo da tenda de novo)

Não, senhor. O senhor não vai me apresentar a um público que me conhece. Eu não sou uma marionete nas suas mãos... Não sou como esse palco propositalmente vazio ou como uma cadeira colocada em determinado lugar por causa de algum efeito mágico!

DOUTOR HINKFUSS

(a contragosto, resmungando)

O senhor está se aproveitando, neste momento, da paciência que preciso ter...

ATOR PRINCIPAL

(interrompendo prontamente)

Não, meu caro: paciência coisa nenhuma; o senhor deve apenas acreditar que aqui, embaixo destes panos, não está mais o senhor... *(diz o seu nome)* porque, tendo se comprometido consigo a improvisar esta noite, por ter prontas as palavras que devem nascer para o personagem que represento com ação espontânea e gesto natural, o senhor... *(diz o seu nome novamente)* deve viver o personagem Rico Verri, ser Rico Verri: e é, já é; tanto que, como eu dizia a princípio, não sei se o senhor vai poder se adaptar a todas as combinações, surpresas e jogos de luz e sombra preparados pelo senhor para divertir o público. Entendeu?

(ouve-se o estalo de uma sonoríssima bofetada dentro da tenda e, logo depois, o protesto do Velho Ator Espirituoso, que faz o papel de Sampognetta)

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

Ai. E como seria? Não se atreva, em nome de Deus, a me esbofetear de verdade!

(o protesto é recebido com risadas atrás da tenda)

DOUTOR HINKFUSS

(olhando para além da tenda no palco)

Mas que diabo está acontecendo? O que é agora?

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

(saindo da tenda com uma das mãos na bochecha, vestido e maquiado como Sempognetta)

Acontece que eu não tolero que a senhora... *(diz o nome da Atriz Característica)*, com a desculpa de que está improvisando, me esbofeteie *(ouviu?)*, o que, além de tudo... *(mostra-lhe a bochecha esbofeteada)* arruinou a minha maquiagem; está vendo só?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

(saindo da tenda, vestida e maquiada como a Senhora Ignazia)

Ai, meu Deus, mas se ajeite! Não custa nada ajeitar isso aí! É um movimento instintivo e natural.

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

E como é que eu vou conseguir me ajeitar se a senhora continua me esbofeteando de improviso?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Quando o senhor merece, meu caro!

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

É claro! Só que eu não sei quando eu mereço, minha cara senhora.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Então, preste atenção a si mesmo sempre, porque, para mim, o senhor merece sempre. E eu, se estamos improvisando, não posso cortar as bofetadas num ponto marcado!

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

Não é necessário, por outro lado, que a senhora me esbofeteie de verdade!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

E como, então? De mentirinha? Eu não tenho marcas memorizadas: tem que vir daqui... *(faz um gesto do estômago para cima)* e seja o que Deus quiser, sabe? O senhor arranca as bofetadas de mim, e eu lhe esbofeteio.

DOUTOR HINKFUSS

Meus senhores, meus senhores, diante do público!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Já estamos nos nossos personagens, senhor diretor.

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

(pondo a mão na bochecha novamente)

E como!

DOUTOR HINKFUSS

Ah, é assim que a senhora vê as coisas?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Um momento. O senhor não queria fazer a apresentação? Então, estamos nos apresentando por nós mesmos. Uma bofetada, e este imbecil do meu marido já está mais do que apresentado.

(o Velho Ator Espirituoso, como Sampognetta, começa a assoviar)

Aí está; vê? Está assoviando. Ele está perfeitamente no papel.

DOUTOR HINKFUSS

Mas lhes parece possível, assim, diante desta tenda, sem ter nada a ver com nenhum dos quadros e sem nenhuma ordem?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não tem importância! Não tem importância!

DOUTOR HINKFUSS

Como não tem importância? O que a senhora quer que o público entenda?

ATOR PRINCIPAL

Mas é claro que vai entender! Vai entender muito melhor assim! Deixe por nossa conta. Estamos todos imbuídos dos nossos papéis.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

O público vai ver, acredite, com muito mais facilidade e naturalidade, sem o estorvo e o freio de um campo circunscrito de uma ação preestabelecida. Vamos fazer, vamos fazer também tudo o que o senhor preparou! Mas,

enquanto isso, olhe, com sua licença: apresento também as minhas filhotas.

(levanta um dos lados da tenda para chamar)

Venham aqui, meninas! Meninas, venham aqui!

(pega a primeira pelo braço e a retira da tenda)

Mommima.

(depois, a segunda)

Totina.

(depois, a terceira)

Dorina.

(depois, a quarta)

Nenè.

(todas, exceto a primeira, entram com uma bela reverência à guisa de adulação)

Uma graça de meninas, graças a Deus! Todas as quatro mereceriam se tornar rainhas! Quem diria que foram geradas por um homem como esse aí?

(o Senhor Palmiro, vendo-se nomeado, vira o rosto repentinamente e começa a assoviar)

Assovie! Sim, continue assoviando! Ah, meu caro, uma fumacinha. Olhe como eu cheiro um pouquinho de rapé, assim. Uma fumacinha nas narinas deveria transportá-lo para a sua mina de enxofre; sim, meu caro, que o deixe ali, seco, e o leve da frente dos meus olhos de uma vez por todas!

TOTINA

(indo com Dorina em direção à mãe, para contê-la)

Por favor, mamãe, não comece!

DORINA

(ao mesmo tempo)

Deixe isso pra lá! Deixe isso pra lá, mamãe!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Ele está assoviando... assoviando!

(depois, posicionando-se à parte, diz para o Doutor Hinkfuss)

Parece-me que está fluindo como um óleo, não é?

DOUTOR HINKFUSS

(com uma centelha de malícia, tentando encontrar a saída para salvar seu prestígio)

Como o público deve ter entendido, esta rebelião dos atores às minhas ordens é falsa, orquestrada previamente entre mim e eles para fazer com que a apresentação fique mais espontânea e vivaz.

(Com essa desculpa esfarrapada, os atores permanecem como um bando de fantoches fulminados pelo espanto. O Doutor Hinkfuss percebe imediatamente: vira-se para olhá-los e os mostra ao público.)

Este espanto também é falso.

ATOR PRINCIPAL

(agitando-se indignadamente)

Bufonarias! Eu peço ao público que acredite que o meu protesto não foi de fato uma ficção.

(levanta a abertura da tenda como da primeira vez e vai adiante, furioso)

DOUTOR HINKFUSS

(de repente, como se fizesse confidências para o público)

Este ímpeto também foi ficção. Ao amor próprio do senhor... (*pronuncia o seu nome*) eu deveria ter concedido alguma satisfação. Mas os senhores compreendem que tudo quanto ocorre aqui não pode ser outra coisa senão ficção.

(*dirigindo-se à Atriz Característica*)

Continue, continue, senhora... (*pronuncia o seu nome*) Tudo bem. Eu não poderia esperar outra coisa da senhora.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

(*desorientada, quase assombrada com tanto descaramento, sem saber o que fazer*)

Ah, agora o senhor quer... quer que eu siga? Desculpe... mas... mas... siga fazendo o quê?

DOUTOR HINKFUSS

A apresentação, santo Deus, que começou bem, segundo o nosso acordo.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não, me escute. Eu lhe peço: não diga “acordo” se não quiser que eu fique aqui sem saber como dizer nem mais uma palavra.

DOUTOR HINKFUSS

(*de novo, como se fizesse confidências para o público*)

Ela é magnífica!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Desculpe, mas quer mesmo dar a entender que essa saída foi um acordo entre nós?

DOUTOR HINKFUSS

Pergunte ao público se não têm a impressão de que, neste momento, nós realmente estamos improvisando.

(*os senhores da plateia e o senhor da galeria começam a bater palmas; mas param imediatamente se o público não for contagiado pelo exemplo*)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Ah, bem, sim! Isso, sim! Estamos realmente improvisando! Começamos

improvisando e continuamos improvisando agora... tanto eu quanto o senhor.

DOUTOR HINKFUSS

Portanto, continuem, continuem. Chame os outros atores para apresentá-los!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

É pra já!

(chamando da tenda)

Ei, jovens, venham aqui! Aqui, todos!

DOUTOR HINKFUSS

Entende-se: está retomando o seu papel.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não duvide. Estou presente. Aqui, aqui, aqui, meus caros amigos!

(ruidosamente, entram em cena jovens oficiais aviadores de farda; de início, cumprimentam enfaticamente a Senhora Ignazia)

Minha cara, minha cara senhora!

Viva a nossa Grande Generala!

E a nossa Santa Protetora!

(e outras exclamações parecidas; depois, cumprimentam as quatro moças, que respondem festivamente; alguém vai cumprimentar o Senhor Palmiro também; a Senhora Ignazia tenta interromper todo aquele transtorno de cumprimentos verdadeiramente improvisados)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Calma, calma, meus caros. Não façamos confusão. Esperem, esperem. Aqui, o senhor Pomàrici, o meu sonho para Totina! Isso! Pegue-a pelo braço... assim! E o senhor Sarelli, aqui com Dorina!

TERCEIRO OFICIAL

Não. Dorina fica comigo.

(pega-a pelo braço)

Sem brincadeiras!

SARELLI

(pegando-a pelo outro braço)

Pois eu fico com ela, já que a sua própria mãe me designou como seu par!

TERCEIRO OFICIAL

De jeito nenhum! A senhorita e eu estamos de acordo!

SARELLI

(para Dorina)

A senhora está de acordo com ele? Parabéns!

(denunciando-a)

Ouviu isso, Senhora Ignazia?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Como “de acordo”?

DORINA

(aborrecida)

Alto lá, senhora...

(diz o nome da Atriz Característica)

De acordo para representarmos os nossos papéis.

TERCEIRO OFICIAL

Eu peço à senhora que não atrapalhe o que já tinha sido orquestrado.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Ah, é mesmo; me desculpem. Agora eu me recordo! O senhor Sarelli fica com Nenè.

NENÈ

(para Sarelli, abrindo os braços)

Comigo! Não se lembra que ficou estabelecido assim?

SARELLI

Eu me recordo muito bem. Nós só estamos aqui para fazer um pouco de barulho.

DOUTOR HINKFUSS

(para a Atriz Característica)

Atenção, atenção, minha senhora, por favor!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim, sim, me desculpe; tenha paciência. É que, com tanta gente, fiz um pouco de confusão.

(voltando a procurar ao redor)

Mas e Verri? Onde está Verri? Ele deveria estar aqui com os seus companheiros.

ATOR PRINCIPAL

(alerta, afastando a cobertura da tenda)

Sim, bravos companheiros, que ensinam a modéstia às suas filhotas queridas!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Gostaria que eu as mandasse à escola de freiras para que aprendessem o catecismo e o bordado? Esse tempo passou, Enea...

(ela se aproxima dele e o tira de lá pela mão)

Ande, venha aqui! Colabore! Dê uma olhada nelas; não exibem as qualidades, mas já o fizeram, sabe, como poucas hoje em dia, as suas virtudes de exímias donas de casa, o senhor que fala de modéstia! Mommina entende de cozinha...

MOMMINA

(com tom de reprovação, como se a mãe revelasse um segredo do qual ela devesse se envergonhar)

Mamãe!

SENHORA IGNAZIA

E Totina sabe cerzir...

TOTINA

(com o mesmo tom da irmã)

Do que está falando!?

SENHORA IGNAZIA

E Nenè...

NENÈ

(de repente agressiva, ameaçando tapar-lhe a boca)

Quer calar a boca, mamãe?

SENHORA IGNAZIA

Quero ver encontrarem alguém como ela, assim capaz de fazer com que as roupas pareçam sempre novas...

NENÈ

(com o mesmo tom da fala de cima)

Chega desse assunto!

SENHORA IGNAZIA

Tirar as manchas...

NENÈ

Chega, mamãe!

SENHORA IGNAZIA

(livrando-se da mão de Nenè)

Reformar as roupas, para fazer jus também aos atributos de Dorina!

DORINA

Já esgotou o assunto?

SENHORA IGNAZIA

A que ponto chegamos! Elas se envergonham disso...

SAMPOGNETTA

Como de vícios secretos!

SENHORA IGNAZIA

Além de tudo, não são pretensiosas; contentam-se com pouco; é suficiente para elas que tenhamos o teatro; ficam até em jejum! O nosso velho melodrama: ah! Eu também gosto muito dele!

NENÊ

(*entrando com uma rosa na mão*)

Ah não, a *Carmen* também, mamãe!

(*coloca a rosa na boca e canta, rebolando*)

“O amor é um pássaro rebelde
que ninguém consegue domesticar”*

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim, tudo certo, a *Carmen* também; mas o coração não arde, como sob o fogo do nosso velho melodrama, quando se vê a inocência gritando sem que lhe deem crédito e o desespero da amante: “Ah, aquele infame vendeu a honra”. Pergunte a Mommina! Agora, chega!

(*dirigindo-se a Verri*)

O senhor veio à nossa casa, pela primeira vez, apresentado, se bem me lembro, por estes jovens...

TERCEIRO OFICIAL

Antes jamais o tivéssemos feito!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Oficial de guarnição do nosso campo de aviação...

ATOR PRINCIPAL

Por favor, oficial complementar, por seis meses somente... e depois acaba, se Deus quiser, a mamata desses aí de gozar a vida às minhas custas!

POMÀRICI

Nós? Às suas custas?

SARELLI

Mas olhem só!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Isso não tem nada a ver. Eu queria dizer que nem eu, nem as minhas filhotas, nem aquele ali...

(novamente, o Senhor Palmiro, assim que é mencionado, vira o rosto e se põe a assoviar)

Pare, ou lhe atiro esta bolsinha na cara!

(é uma bolsona; o Senhor Palmiro para imediatamente)

Nenhum de nós se deu conta antes de que o senhor tivesse esse sangue maldito dos sicilianos...

ATOR PRINCIPAL

Eu me vanglorio disso!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Ah, agora eu sei... (E como sei!)

DOUTOR HINKFUSS

Não antecipemos, minha senhora; não antecipemos nada, por favor!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não, não tenha medo. Não vou antecipar nada.

DOUTOR HINKFUSS

Somente a apresentação, claríssima: e nada mais.

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Claríssima, sim; não duvide. Digo, e é verdade, que antes o senhor não se vangloriava: ao contrário, como nós, resistia tenazmente a esses selvagens da ilha que acham que é quase como uma desonra o nosso inocente *modo de viver continental*, o acolhimento de alguns jovens em casa, e a licença de que se possa divertir como, meu Deus, é próprio da juventude, sem malícia. Ele também se divertia com a minha Mommina...

(procura-a ao redor)

Onde está? Ah, aqui está ela! Venha, venha aqui, minha filhota desgraçada;

ainda não chegou a hora para que você esteja assim.

(a Atriz Principal, que faz o papel de Mommima, reluta ao ser puxada pela mão)

ATRIZ PRINCIPAL

Não, deixe-me, deixe-me, senhora...

(diz o nome da Atriz Característica; depois, coloca-se decidida diante do Doutor Hinkfuss)

Para mim, desse jeito, não é possível, senhor diretor! Já vou logo deixando claro! O senhor marcou um percurso, estabeleceu uma ordem de quadros: bem: que assim seja! Eu preciso cantar. Tenho a necessidade de me sentir segura, no meu lugar, na ação que me foi designada. Assim, ao sabor do vento, eu não vou.

ATOR PRINCIPAL

É verdade! Porque talvez a senhorita tenha escrito e memorizado de antemão as palavras que deve dizer de acordo com esse percurso.

ATRIZ PRINCIPAL

Certamente, eu me preparei. O senhor, por acaso, não?

ATOR PRINCIPAL

Eu também. Eu também; mas não as palavras que eu devo dizer. Oh, pactos claros, senhorita, que não fiquem dúvidas: não espere que eu diga o meu texto conforme a senhora for querendo puxar de mim de acordo com as falas que a senhora preparou, sabe? Eu vou dizer o que eu devo dizer.

(esse bate-boca é seguido de um burburinho de comentários simultâneos entre os atores)

Naturalmente, ficaria bonito!

Que um fizesse o outro dizer o que lhe fosse conveniente!

Então, adeus à improvisação!

A senhora poderia ter escrito também os papéis dos outros!

DOUTOR HINKFUSS

(interrompendo os comentários)

Meus senhores, falem o menos possível, falem o menos possível, eu já lhes disse isso! Chega. Agora a apresentação está acabada. Mais atitude, mais atitude e menos palavras: me deem ouvidos. Eu lhes asseguro que as palavras virão por si, espontâneas, das atitudes tomadas segundo a ação que eu esbocei. Sigam essa dica e não vão errar. Deixem-se guiar por mim e se coloquem à minha disposição, assim como foi estabelecido... Ânimo, ânimo! Agora, retirem-se. Fechemos a cortina.

(fecha-se a cortina; o Doutor Hinkfuss, permanecendo próximo à ribalta, dirige-se ao público)

Peço desculpas, senhoras e senhores! Agora, o espetáculo começa de verdade. Cinco minutos, somente cinco minutos, com licença, para que eu possa ver se tudo está em ordem.

(Retira-se, afastando a cortina. Cinco minutos de pausa.)

* Traduzido do italiano; no Brasil, a ópera à qual pertence o trecho, *Carmen*, é conhecida nos versos originais em francês: “*L’amour est un oiseau rebelle/ que nul ne peut apprivoiser*”.

Segundo ato

(Abre-se a cortina. O Doutor Hinkfuss começa a meter os pés pelas mãos. “No início, vai ser bom”, terá pensado, “fazer uma representação sintética da Sicília com uma pequena procissão religiosa. Vai dar um colorido.” E já foi organizando tudo de modo que essa pequena procissão caminhasse da porta de entrada da plateia em direção ao palco, atravessando o corredor que divide ao meio a plateia, na seguinte ordem:

- 1. quatro coroinhas de túnica preta e sobrepeliz branca com barra de renda; dois na frente e dois atrás; levam tochinhas acesas;*
- 2. quatro moças, “donzelas”, vestidas de branco e cobertas com véu branco, com luvas brancas de linha, de propósito grandes demais para as suas mãos, para que pareçam meio tolas; duas à frente e duas atrás, elas também levando os quatro feixes de um pequeno baldaquino de seda azul-celeste;*
- 3. embaixo do baldaquino, a “Sagrada Família; deve-se dizer que há um velho maquiado e vestido como São José, como se vê nos quadros sacros que representam o presépio, com uma auréola de purpúrina e um longo báculo, florido em cima; ao seu lado, uma belíssima moça loira, com os olhos baixos e um sorriso doce e modestíssimo, caracterizada como a Virgem Maria, também com uma auréola e um boneco nos braços que representa o Menino Jesus, desses como ainda se podem ver hoje em dia na Sicília por ocasião do Natal em algumas representações sacras toscas com acompanhamento de música e coro;*
- 4. um pastor, com um gorro de pele e um capote de grisette, com as pernas envoltas em peles caprinas, e um outro pastor, mais jovem; este toca o fuzil e aquele, a charamela;*
- 5. uma fila enorme de pessoas do povo de todas as idades; as mulheres, com saia pregueada, comprida e avolumada nos flancos e mantelete sobre a cabeça; os homens, com paletó curto até a cintura e calção à moda do campo, seguro por larga faixa colorida de seda; nas mãos, o gorro em forma de meia, de linha preta, com uma borlazinha na ponta; entram na sala cantando uma cantilena, ao som da charamela e do fuzil.)*

“Hoje e sempre seja louvado
nosso Deus sacramentado
e louvada a cada dia
a nossa Virgem Maria.”

(Enquanto isso, no palco, vê-se uma rua da cidade com a parede branca e rústica de uma casa, que se estende por mais de três quartos da largura do palco, fazendo um ângulo em direção ao fundo. Nesse canto há um lampião pendurado. Na outra parede da casa, em ângulo obtuso, vê-se a porta de um cabaré, iluminada por pequenas lâmpadas coloridas; e, quase em frente, um pouco mais ao fundo, numa diagonal, o báculo de uma igreja antiga sobre três pequenos degraus. Um pouco antes que se abra a cortina e a procissão entre na sala, ouvem-se sinos de igreja no palco e, com o volume suficientemente alto apenas para que seja perceptível, o estrondo de um órgão tocado lá dentro. Quando se abre a cortina e entra a procissão, veem-se ajoelhados no palco, ao longo da parede e à esquerda, homens e mulheres [não mais que oito ou nove] que estão passando pela estrada: as mulheres fazem o sinal da cruz; os homens tiram o que tiverem sobre a cabeça. Então, a procissão, já no palco, entra na igreja; esses homens e essas mulheres também se juntam à grande fila. Após a entrada do último, os sinos param de tocar. Perdura ainda, no silêncio, mais distinto, o som do órgão, que vai se tornando lentamente inaudível à medida que as luzes se apagam.

De repente, assim que a música sacra termina, tem início, com grande contraste, o som de um jazz no cabaré; ao mesmo tempo, a parede que atravessa mais de três quartos do palco se tornará transparente. Será possível ver o interior do cabaré, fulgurante, com várias luzes coloridas. À direita, até a porta de entrada, encontra-se o balcão, onde se veem três moças com roupa decotada e maquiagem grosseira. Na parede do fundo, perto do balcão, encontra-se um longo painel de veludo vermelho flamejante, sobre o qual, como que composta em baixo-relevo, uma estranha cantora vestida com véus pretos, pálida, de olhos fechados e cabeça reclinada para trás, canta lugubrememente a canção. Três bailarinas loiras movimentam os braços e as pernas em cadência, virando as costas para o balcão, no pouco espaço entre este e a primeira fileira de mesinhas redondas às quais sentam-se os fregueses [não muitos] com bebidas diante de si.

Entre esses fregueses encontra-se Sampognetta, com um chapeuzinho na cabeça e um cigarro comprido na boca.

O freguês que está atrás dele, na segunda fileira de mesinhas, vendo-o atentíssimo aos movimentos das três bailarinas, prepara-lhe uma brincadeira feroz: dois longos canudos de papel-cartão recortado, onde está estampada, com o programa, a lista de vinhos e outras bebidas do cabaré.

Os outros fregueses, percebendo e gostando muito da situação, começam a piscar e a fazer sinais para que Sampognetta faça logo a brincadeira.

Assim que os canudos de papel recortado se transformam em dois cornos bem longos e retos, o freguês se levanta e, com muita cautela, coloca-os em cima do chapeuzinho de Sampognetta.

Todos começam a rir e a bater palmas.

Sampognetta, acreditando que os risos e as palmas sejam referentes às três bailarinas, que, nesse momento, terminam de dançar, começa a rir e a bater palmas também, fazendo, assim, irromper, mais que nunca, gargalhadas excessivas e fragorosos aplausos dos outros. Mas não consegue perceber por que todos o olham, inclusive as mulheres do balcão e as três bailarinas, que morrem de rir. Fica perturbado; o riso se congela em seus lábios; o aplauso se apaga em suas mãos.

Então, a estranha cantora tem um ímpeto de indignação; destaca-se do painel e se movimenta para ir arrancar da cabeça de Sampognetta esse troféu que é motivo de escárnio, gritando.)

CANTORA

Não, pobre velho, fora daqui! Vocês deveriam se envergonhar!

(os fregueses a interrompem, gritando também ao mesmo tempo, numa grande confusão)

FREGUESES

Fique ali, burra!

Calada e volte para o seu canto!

Quem se meteu com você?

Deixe que façam!

Ele merece!

Ele merece!

(e entre esses gritos confusos, a Cantora continua protestando, contida, debatendo-se)

CANTORA

Calhordas, me deixem! Por que ele merece isso? Que mal lhes fez?

SAMPOGNETTA

(levantando-se, mais do que nunca confuso)

O que é que eu mereço? O que é que eu mereço?

FREGUÊS QUE FEZ A BRINCADEIRA

Nada, Senhor Palmiro. Deixe que ela fale!

SEGUNDO FREGUÊS

Está embriagada, como de costume!

FREGUÊS QUE FEZ A BRINCADEIRA

Vá embora, vá embora. Este não é lugar para o senhor!

(e o empurra com os outros para a porta)

TERCEIRO FREGUÊS

Sabemos muito bem, Senhor Palmiro, o que merece!

(Sampognetta é levado para fora com os seus cornos bravos na cabeça. Ainda se podem ouvir os gritos dos que estão contendo a Cantora; depois, uma grande risada, e o jazz recomeça.)

SAMPOGNETTA

(para os três fregueses que o empurraram para a saída e que, agora, fazem troça dele sob o lampião aceso)

Eu gostaria de saber o que aconteceu.

SEGUNDO FREGUÊS

Nada, é por causa da história da outra noite.

TERCEIRO FREGUÊS

Todos sabem que o senhor se afeiçoou a essa cantora...

SEGUNDO FREGUÊS

Queríamos, só por brincadeira, que ela lhe desse uma bofetada, como na outra noite...

TERCEIRO FREGUÊS

Certo!... dizendo que o senhor merece!

SAMPOGNETTA

Ah, entendi! Entendi!

PRIMEIRO FREGUÊS

Oh! Olhem! Olhem! Lá no céu! As estrelas!

SEGUNDO FREGUÊS

As estrelas?

PRIMEIRO FREGUÊS

Estão se movendo! Estão se movendo!

SEGUNDO FREGUÊS

Sério?

SAMPOGNETTA

É possível?

PRIMEIRO FREGUÊS

É, é, olhem! Como se alguém as estivesse tocando com duas varas!

(e levanta os braços, sugerindo cornos)

SEGUNDO FREGUÊS

Você está delirando!

TERCEIRO FREGUÊS

As estrelas lhe parecem lampiõezinhos?

SEGUNDO FREGUÊS

O que o senhor estava dizendo, Senhor Palmiro?

SAMPOGNETTA

Ah, ah, sim, que eu, esta noite, não sei se repararam, mas fiquei olhando de propósito as bailarinas, sem nem ao menos virar a cabeça em direção a ela. Fico tão perturbado vendo essa pobre coitada cantando de olhos fechados e com lágrimas escorrendo pelo rosto!

SEGUNDO FREGUÊS

Mas ela faz isso profissionalmente, Senhor Palmiro! Não acredite naquelas lágrimas!

SAMPOGNETTA

(negando seriamente, até mesmo com o dedo)

Não, não, ah, não, não! Ela não faz isso profissionalmente, não! Eu lhes dou a minha palavra de honra de que essa mulher sofre: sofre de verdade. E, ainda por cima, ela tem a mesma voz da minha filha mais velha! Tal qual! E me confidenciou que também é filha de uma família boa...

TERCEIRO FREQUÊS

Ah, sim? Mas olhem só! Ela também é filha de algum engenheiro?

SAMPOGNETTA

Isso eu não sei. Mas sei que certas desventuras podem acontecer a todos. E todas as vezes que eu a ouço cantar, eu sou... Sou tomado por uma angústia, uma consternação...

(A esta altura, chegam com passo de marcha Totina, de braços dados com Pomàrici; Nenè, de braços dados com Sarelli; Dorina, de braços dados com o Terceiro Oficial; Mommina, ao lado de Rico Verri; e a Senhora Ignazia, de braços dados com os outros dois jovens oficiais. Pomàrici marca os passos para todos antes mesmo que a companhia entre em cena. Os três fregueses, que terão se tornado quatro ou mais, ouvindo a voz, param na porta do cabaré, deixando somente o Senhor Palmiro sob o lampião, com os seus cornos na cabeça.)

POMÀRICI

Um, dois, um, dois, um, dois...

(são dirigidos ao teatro; as quatro moças e a Senhora Ignazia, em vistosos trajes de noite)

TOTINA

(vendo o pai com os cornos na cabeça)

Meu Deus, papai! O que lhe fizeram?

POMÀRICI

Traíçoeiros nojentos!

SAMPOGNETTA

A mim? O quê?

NENÈ

Tire isso que lhe colocaram no chapéu!

SENHORA IGNAZIA

(enquanto o marido se atrapalha com as mãos sob o chapéu)

Os cornos?

DORINA

Tratantes! Quem foi?

TOTINA

Olhem lá!

SAMPOGNETTA

(tirando-os)

Em mim, os cornos? Ah, então foi por isso? Miseráveis!

SENHORA IGNAZIA

E ainda está com eles nas mãos. Jogue-os fora, imbecil! Bom somente para se tornar o motivo de zombaria de todos os patifes.

MOMMINA

(para a mãe)

Só nos faltava essa agora: que você também implicasse com ele...

TOTINA

Foram esses nojentos!

VERRI

Digam agora quem foi!

POMÀRICI

Não. Deixe disso, Verri.

SARELLI

De nada adianta fazer barulho agora!

SENHORA IGNAZIA

Não, não. Eu quero uma satisfação desse covil de bandidos!

TOTINA

Deixe isso pra lá, mamãe!

SEGUNDO FREGUÊS

(vindo para a frente)

Veja bem como fala, senhora! Aqui também há cavalheiros!

MOMMINA

Cavalheiros que agem desse jeito?

DORINA

Tratantes cretinos!

TERCEIRO OFICIAL

Deixe isso pra lá, deixe isso pra lá, senhorita!

QUARTO FREGUÊS

Jovens, estavam brincando...

POMÀRICI

Ah, o senhor chama isso de brincadeira?

SEGUNDO FREGUÊS

Nós todos estimamos o Senhor Palmiro...

TERCEIRO FREGUÊS

(para a Senhora Ignazia)

E não estimamos a senhora de modo algum, minha cara senhora!

SEGUNDO FREGUÊS

Todos falam da senhora na cidade!

VERRI

(intervindo, com os braços levantados)

Controlem a língua ou vão se ver comigo!

QUARTO FREGUÊS

Nós vamos dar queixa ao senhor coronel!

TERCEIRO FREGUÊS

Vergonha, com divisas de oficiais!

VERRI

Quem vai dar queixa?

FREGUESES

(até de dentro do cabaré)

Todos! Todos!

POMÀRICI

Vocês insultam as senhoras que, na nossa companhia, passam pela rua, e nós temos o dever de as defender!

QUARTO FREGUÊS

Ninguém aqui insultou ninguém!

TERCEIRO FREGUÊS

Foi a senhora quem insultou! A senhora!

SENHORA IGNAZIA

Eu? Não! Eu não insultei ninguém! Eu disse a vocês, na cara, o que são: bandidos! Traíçoeiros nojentos! Dignos de estarem numa jaula como os animais ferozes! É isso o que são!

(e como todos os fregueses estão às gargalhadas)

Riam, sim, riam, salafrários selvagens!

POMÀRICI

(com os outros oficiais e as filhas, procurando acalmá-la)

Deixe disso, vamos, senhora...

SARELLI

É! Já chega!

TERCEIRO OFICIAL

Vamos ao teatro!

NENÈ

Não suje a boca respondendo a essas pessoas!

QUARTO OFICIAL

Vamos, vamos. Já é tarde!

TOTINA

Certamente já terminou o primeiro ato!

MOMMINA

Sim, vamos, vamos, mamãe! Dê-lhes o desprezo!

POMÀRICI

Venha, venha ao teatro conosco, Senhor Palmiro!

SENHORA IGNAZIA

Não, que teatro, ele! Para casa! Vamos imediatamente para casa! Amanhã, temos que acordar cedo para irmos à mina de enxofre! Para casa! Para casa!

(os fregueses voltam a rir com esse comando decisivo da esposa ao marido)

SARELLI

No teatro!? Nós!? Nós não perdemos nosso tempo!

SENHORA IGNAZIA

Imbecis! Cretinos! Vocês riem da própria ignorância!

POMÀRICI

Chega! Chega!

OS OUTROS OFICIAIS

Ao teatro! Ao teatro!

(a esta altura, o Doutor Hinkfuss, que, desde o princípio, reentrou na sala em fila na procissão e parou para vigiar a representação, estando sentado em um assento da primeira fila, reservado a ele, levanta-se para gritar)

DOUTOR HINKFUSS

Sim, sim, já chega! Chega! Para o teatro! Para o teatro! Vamos, todos! Os fregueses, retornem para o cabaré! Os atores, vão para a direita! E puxem um pouco a cortina dos dois lados!

(Os atores executam. A cortina é puxada um pouco de ambas as partes, de modo a deixar, no meio, a parede branca que deve funcionar como tela para a projeção cinematográfica do espetáculo operístico. Somente o Velho Ator Espirituoso permanece ali quando todos os outros atores desaparecem.)

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

(para o Doutor Hinkfuss)

Se eu não for ao teatro com eles, devo sair pela esquerda, não é?

DOUTOR HINKFUSS

É isso mesmo: o senhor, pela esquerda! Vá, vá! Que pergunta!

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

Não, queria chamar a sua atenção para o fato de que não me deixaram dizer nenhuma palavra. Confusão demais, senhor diretor!

DOUTOR HINKFUSS

Que confusão coisa nenhuma! Foi muito bom! Vamos, vamos, pode ir embora! Agora é a cena do teatro!

VELHO ATOR ESPIRITUOSO

Eu quero chamar a sua atenção para o fato de que sou sempre eu que pago o pato!

DOUTOR HINKFUSS

Muito bem, o senhor já chamou a minha atenção. Agora, vá. E vamos à cena do teatro!

(o Velho Ator Espirituoso sai pela esquerda)

O gramofone! E já, já, pronta a projeção! Tonfilm!

(O Doutor Hinkfuss volta a se sentar em seu assento. Enquanto isso, à direita, atrás da cortina repuxada de modo que o canto com o lampião fique escondido, os contrarregas entram e colocam um gramofone em que toca um disco com o final do primeiro ato de um velho melodrama italiano, A força do destino ou Um baile de máscaras ou qualquer outro, desde que tenha projeção simultânea na parede branca que funciona como tela. Assim que o som do gramofone é ouvido e a projeção começa, o palco se ilumina, vazio, com uma luz quente e

especial, cuja origem é difícil de identificar; e se veem entrar a Senhora Ignazia com suas quatro filhas, Rico Verri e os outros jovens oficiais. A entrada é barulhenta e provoca imediatamente os protestos do público.)

SENHORA IGNAZIA

Se é verdade! Estamos já no final do primeiro ato!

TOTINA

Que corrida! Arf!

(senta-se na primeira cadeira do palco, em frente à mãe)

POMÀRICI

(abanando-lhe a cabeça com um leque)

Aqui estou, pronto para servi-la!

DORINA

Naturalmente! Com marcha rigorosa! Um, dois, um, dois...

VOZES, NA SALA

Mas enfim!

Silêncio!

Vejam só se essa é a maneira de se entrar em um treatro!

MOMMINA

(para Totina)

Você pegou o meu lugar; pode ir saindo!

TOTINA

Ah, mas se a Dorina e a Nenè se sentaram aqui no meio...

DORINA

Nós pensávamos que Mommina quisesse ficar atrás com Verri, como da última vez.

VOZES, NA SALA

Silêncio! Silêncio!

São elas!

É uma verdadeira indecência!

A maravilha vem dos senhores oficiais!

Não há ninguém que lhes chame a atenção?

(Enquanto isso, no palco, a mudança de lugares acontece com uma grande confusão: Totina cede seu lugar a Mommina e pega o de Dorina, que passa a sentar-se na cadeira ao lado, deixada por Nenê, a qual senta-se no divã ao lado da mãe. Rico Verri senta-se ao lado de Mommina, no divã em frente. Atrás de Totina, Pomàrici; atrás de Dorina, o Terceiro Oficial; e no fundo, Sarelli e os outros dois oficiais.)

MOMMINA

Devagar, devagar, por favor!

NENÊ

Sim, devagar! Antes, você promove a desordem...

MOMMINA

Eu?

NENÊ

Assim parece! Com todas essas mudanças!

DORINA

Mas deixe que elas falem!

TOTINA

Como se nunca tivessem ouvido...

(menciona o melodrama)

POMÀRICI

As pessoas deveriam ter mais respeito pelas senhoras!

VOZES, NA SALA

Cale-se a senhora!

É uma vergonha!

Para a porta os arruaceiros!

Que eles sejam expulsos!

Quer dizer que justamente a turma dos oficiais deu esse escândalo?

Fora! Fora!

SENHORA IGNAZIA

Canibais! A culpa não é nossa se chegamos tarde desse jeito! Oh, vejam bem se esta pode ser considerada uma cidade civilizada! Primeiro, foi uma agressão na rua, e agora os senhores agridem aqui no teatro também! Canibais!

TOTINA

É assim que se faz no continente!

DORINA

As pessoas vão ao teatro quando querem!

NENÈ

E aqui tem gente que sabe... Como se faz e como se vive no continente!

VOZES

Chega! Basta!

DOUTOR HINKFUSS

(levantando-se e colocando-se em direção ao palco dos atores)

Sim, sim, chega! chega! Não se excedam. Tomem cuidado para não se excederem.

SENHORA IGNAZIA

Faça-me o favor! Exceder!? A nossa coragem vem lá de baixo! Não vê que é uma perseguição inútil, insuportável!? Só por causa de um pouco de barulho que se fez na entrada!

O DOUTOR HINKFUSS

Está bem! Está bem! Mas agora chega! Além do mais, o ato acabou!

VERRI

Acabou? Ah, Deus seja louvado! Vamos sair, vamos sair!

DOUTOR HINKFUSS

Muito bem, sim, sair, sair!

TOTINA

Estou com uma sede!

(sai do palco)

NENÊ

Tomara que a gente encontre um sorvete!

(sai do palco)

SENHORA IGNAZIA

Vamos, vamos, vamos sair daqui logo de uma vez senão eu vou explodir!

(Quando a projeção termina, o gramofone se cala. Fecha-se completamente a cortina. O Doutor Hinkfuss aparece no palco e se dirige ao público, enquanto a sala se ilumina.)

DOUTOR HINKFUSS

Aquela parte do público que geralmente vai lá fora entre um ato e outro poderá, se desejar, assistir ao escândalo que essas pessoas benditas vão continuar a dar no *foyer* do teatro também; não porque tenham vontade, mas porque, agora, qualquer coisa que façam chama a atenção; são presas fáceis do censo comum e estão condenadas a serem o foco da maledicência geral. Vão, vão: mas não todos, por favor. Até para que os senhores não fiquem espremidos demais por lá, com tanta gente em volta que quer ver o que de algum modo já viu aqui.

Eu posso assegurar que quem ficar aqui sentado não vai perder nada de substancial. Lá fora, continuarão a serem vistos, entre os espectadores, aqueles que os senhores também viram sair aqui do palco durante o intervalo habitual entre um ato e outro.

Vou aproveitar este intervalo para as mudanças de cenário. E vou fazer isso diante dos senhores, ostensivamente, para oferecer também aos que permanecerem na sala um espetáculo ao qual não estão habituados.

(bate palmas como um sinal e dá o comando)

Abram a cortina!

(abre-se a cortina)

Entreato

Representações simultâneas no *foyer* do teatro e no palco. No *foyer*, as atrizes e os atores ilustram, com a máxima liberdade, a natureza (cada um no seu papel) dos espectadores entre os espectadores, durante o intervalo entre um ato e outro. Agrupam-se em quatro pontos distintos do *foyer*, e aí cada grupo faz a sua cena, independentemente do outro, mas ao mesmo tempo: a Senhora Ignazia, com dois dos oficiais, que se chamam Pometti e Mangini, senta-se num banco qualquer; Dorina passeia conversando com o Terceiro Oficial, que se chama Nardi; Nenè e Totina vão com Pomàrici e Sarelli ao fundo do *foyer*, onde há um balcão de venda de bebidas, café, cerveja, licores, balas e outras guloseimas. Essas ceninhas simultâneas são aqui descritas, em razão do espaço, uma após a outra.

I

(Nenè, Totina, Sarelli e Pomàrici, diante do balcão ao fundo do foyer)

NENÈ

Não tem sorvete? Que pena! Então, me dê uma bebida fresca, fresca mesmo. Um licor de menta, sim.

TOTINA

Para mim, uma limonada.

POMÀRICI

Um saquinho de chocolatinhos; e balas também.

NENÈ

Não, não compre balas, Pomàrici! Obrigada.

TOTINA

Não devem ser boas. São boas? E então, sim, comprar, comprar. É uma das maiores satisfações...

POMÀRICI

O chocolatinho...

TOTINA

Não... de nós mulheres... cobre dos homens!

POMÀRICI

Por tão pouco! Que pena, não chegou a tempo para passar pelo café, vindo ao teatro...

SARELLI

Por aquele maldito incidente...

TOTINA

Mas é pai também, meu Deus! Parece que ele mesmo procura dar motivo a essa perseguição indigna, frequentando certos lugares!

POMÀRICI

(colocando um chocalatinho entre os lábios)

Não se amargure! Não se amargure!

NENÈ

(abrindo a boca como um passarinho)

E para mim?

POMÀRICI

(encostando a boca na dela)

É pra já: mas para você... uma bala.

NENÈ

E o senhor tem mesmo certeza de que no continente se faz assim?

POMÀRICI

Como não? Passar uma bala da própria boca para a boca de uma bela dama? Tenho certeza absoluta!

SARELLI

Isso, e outra coisa bem diferente!

NENÈ

E que outra coisa bem diferente?

POMÀRICI

Ah, se quiséssemos mesmo fazer tudo como se faz no continente!

TOTINA

(provocante)

Por exemplo?

POMÀRICI

Não podemos dar um exemplo aqui.

NENÈ

Então, amanhã nós quatro vamos nos apossar do campo de aviação!

TOTINA

E aí de vocês se não nos levarem no voo!

POMÀRICI

Será um prazer a visita; mas, quanto a voar, infelizmente...

SARELLI

É proibido pelo regulamento!

POMÀRICI

Com o comandante que temos agora...

TOTINA

Vocês não tinham dito que esse orco sairia logo de licença?

NENÈ

Eu não dou ouvidos a razões: quero voar sobre a cidade impelida pelo gosto de cuspir sobre ela. Será possível?

SARELLI

Voar, impossível...

NENÈ

Não, digo, nos arremessar... *puh!*... assim, uma cuspidinha. Dou-lhe essa incumbência.

II

(Dorina e Nardi passeiam)

NARDI

Sabe que seu pai está perdidamente apaixonado pela cantora do cabaré?

DORINA

Papai? Quem disse?

NARDI

Papai, papai; eu lhe asseguro que está; além disso, toda a cidade sabe.

DORINA

Está falando sério? Papai apaixonado?

(dá uma gargalhada, que faz todos os espectadores próximos se virarem)

NARDI

Não viu que ele estava lá no cabaré?

DORINA

Por favor, não conte nada a mamãe; ela o esfolaria! Mas quem é essa cantora? O senhor a conhece?

NARDI

Eu a vi uma vez. Uma louca amargurada.

DORINA

Amargurada? Como assim?

NARDI

Dizem que chora sempre que canta, com os olhos fechados; lágrimas verdadeiras; e que, às vezes, cai no chão também, exaurida pelo desespero que a fez chorar, embriagada.

DORINA

Ah, sim. Então, deve ser o vinho!

NARDI

Talvez. Mas parece que bebe por causa do desespero.

DORINA

Meu Deus, e papai...? Pobre coitado! Sabe que ele é realmente um infeliz, pobre papai? Não, não, não acredito em você.

NARDI

Não acredita? E se eu dissesse que, uma noite... em que o seu pai estava talvez um pouco embriagado também... ele deu um espetáculo para todo o cabaré, indo, com lágrimas nos olhos e um lenço na mão, enxugar as lágrimas dela, que estava cantando com os olhos fechados?

DORINA

Ah, não! Sério?

NARDI

E sabe como ela lhe respondeu? Plantando-lhe um soleníssimo bofetão!

DORINA

No papai? Ela também? Ele já leva tantos da mamãe, pobre papai!

NARDI

Foi exatamente o que ele disse ali, diante de todos os fregueses que riam: “Até você, ingrata? Minha esposa me dá tantos!”

(a esta altura, estão próximos do balcão; Dorina vê as irmãs Totina e Nenè e corre em direção a elas com Nardi)

III

(diante do balcão encontram-se Nenè, Totina, Dorina, Pomàrici, Sarelli e Nardi)

DORINA

Sabem o que o Nardi me disse? Que o papai está apaixonado pela cantora do cabaré!

TOTINA

Não diga!

NENÈ

Você acredita? É uma piada!

DORINA

Não, não, é verdade! É verdade!

SARELLI

É, sim. Eu também fiquei sabendo.

DORINA

E se vocês soubessem o que ele fez!

NENÈ

O que foi que ele fez?

DORINA

Levou um bofetão dela também, em público, no café!

NENÈ

Bofetão?

TOTINA

Por quê?

DORINA

Porque ele queria enxugar as lágrimas dela!

TOTINA

As lágrimas?

DORINA

Sim, porque é uma mulher, diz ele, que está sempre chorando...

TOTINA

Entenderam? Eu não tinha razão quando disse ainda há pouco? É ele, é ele! Como querem que as pessoas não riam e não façam troça dele?

SARELLI

Se querem uma prova, revistem o bolso interno do paletó dele, na altura do peito: deve ter o retrato dessa cantora: ele o mostrou a mim uma vez com certas exclamações que nem vou repetir, pobre Senhor Palmiro!

IV

(Rico, Verri e Mommina, à parte)

MOMMINA

(um pouco intimidada pelo aspecto sombrio com o qual Verri deixou a sala do teatro)

O que o senhor tem?

VERRI

(deselegante)

Eu? Nada. Que tenho eu?

MOMMINA

Então, por que está assim?

VERRI

Não sei. Só sei que, se eu tivesse ficado mais um pouco no palco, acabaria fazendo uma loucura de verdade.

MOMMINA

Isso não é mais vida que se possa manter.

VERRI

(duro, áspero)

Então, dá-se conta disso agora?

MOMMINA

Cale-se, por caridade! Todos estão olhando para nós!

VERRI

É por isso mesmo! É por isso mesmo!

MOMMINA

Cheguei ao ponto em que não sei mais me movimentar nem falar.

VERRI

Eu gostaria de saber o que essas pessoas tanto têm que olhar e ouvir o que dizemos.

MOMMINA

Seja bonzinho e me faça este favor: não os provoque!

VERRI

Não estamos aqui como todos os outros? O que eles estão vendo de estranho em nós neste momento para estarem nos olhando assim? Eu me pergunto se é possível...

MOMMINA

Certo... viver... já lhe disse... fazer mais um gesto, erguer os olhos, assim sob a mira de todos. Olhe lá, ao redor das minhas irmãs também, e ali ao redor da mamãe.

VERRI

Como se estivéssemos aqui fazendo um espetáculo!

MOMMINA

É verdade!

VERRI

Infelizmente, porém, com sua licença, as suas irmãs lá...

MOMMINA

O que elas estão fazendo?

VERRI

Nada; eu não gostaria de me dar conta disso; mas parece que estão gostando...

MOMMINA

Do quê?

VERRI

De se fazerem notar!

MOMMINA

Mas não estão fazendo nada de mal; riem, batem papo...

VERRI

Estão desafiando, com esse comportamento ousado!

MOMMINA

Mas os seus colegas também, convenhamos...

VERRI

Eu sei: estimulando-as; e, acredite, começam a me aborrecer seriamente, principalmente o Sarelli, mas também o Pomàrici e o Nardi.

MOMMINA

Estão só se divertindo...

VERRI

Poderiam pensar que se divertem às custas da boa reputação de três moças de bem; pelo menos, poderiam se abster de certos atos, de certas confidências.

MOMMINA

Isso, sim, é verdade.

VERRI

Eu, por exemplo, não toleraria mais que um deles se envolvesse com a senhora...

MOMMINA

Para começar, eu não permitiria, e o senhor sabe disso.

VERRI

Deixemos isso pra lá. Deixemos isso pra lá, por favor. Mas a senhora também, a senhora também permitiu, antes!

MOMMINA

Não permito mais, e já há um bom tempo, me parece! O senhor deve saber disso!

VERRI

É. Mas não basta que eu saiba; eles também deveriam saber!

MOMMINA

Eles sabem! Eles sabem!

VERRI

Não sabem! Mais de uma vez fizeram questão de demonstrar que não queriam saber; e como se estivessem mesmo me testando.

MOMMINA

Não! Quando foi isso? Por favor, não meta ideias como essa na cabeça!

VERRI

Eles deveriam entender que comigo não se brinca!

MOMMINA

Eles entendem; pode ter certeza! Mas quanto mais o senhor der a entender que leva a mal até as brincadeiras inocentes, mais eles vão continuar, até mesmo para demonstrar que não havia malícia alguma.

VERRI

Então, você os desculpa?

MOMMINA

Não! Eu digo isso pelo senhor, para que esteja tranquilo; e também por mim, que vivo em um estado de trepidação contínua por saber que o senhor é assim. Vamos, vamos. Parece que a mamãe está querendo voltar lá pra dentro.

V

(a Senhora Ignazia, sentada em um banco com Pometti e Mangini, cada um de um lado)

SENHORA IGNAZIA

Ah, os senhores deveriam conseguir uma grande benemerência, uma grande benemerência em prol da civilização!

MANGINI

Nós! E como, Senhora Ignazia?

SENHORA IGNAZIA

Como? Dando aulas em seu círculo social!

POMETTI

Aulas? A quem?

SENHORA IGNAZIA

A esses vilões grosseiros da cidade! Ao menos por uma hora ao dia.

MANGINI

Aulas de quê?

POMETTI

De boas maneiras?

SENHORA IGNAZIA

Não, não, demonstrativa, demonstrativa. Uma aulinha por dia, de uma hora, que ensine a eles como se vive nas grandes cidades do continente. O senhor, de onde é, meu caro Mangini?

MANGINI

Eu? De Veneza, minha senhora.

SENHORA IGNAZIA

Veneza? Ai, meu Deus, Veneza, o meu sonho! E o senhor Pometti?

POMETTI

Eu sou de Milão.

SENHORA IGNAZIA

Ah, Milão! *Milan...** Vejam só! *El nost Milan...*** E eu sou de Nápoles: de Nápoles, que... sem querer ofender Milão... digo... e ressaltando os méritos de Veneza... como natureza, digo... um paraíso! Chiaia! Posillipo! *** Tenho vontade... tenho vontade de chorar se penso nisso... Coisas! Coisas!... O Vesúvio, Capri... E os senhores têm o Duomo, a Galleria, o Scalla. E os senhores, é verdade, a Praça São Marco, o Grande Canal ... Coisas! Coisas!... Enquanto aqui, todo este fedor... E se ainda fosse somente do lado de fora, nas ruas!

MANGINI

Mas não diga isso a eles, assim, na cara, alto desse jeito, por favor!

SENHORA IGNAZIA

Não, não, eu falo alto, sim. Santa Clara de Nápoles, meus caros. O fedor está dentro deles também: no coração, no sangue. Com raiva, todos, sempre! Não lhe dão essa sensação perturbadora? de que estão sempre com raiva?

MAGINI

Na verdade, para mim...

SENHORA IGNAZIA

Não lhes parece? Sim, todos sempre abراسados por uma... como devo dizer?... sim, raiva do instinto, que os faz ferozes um contra o outro; só que um, não sei, olha para cá em vez de para lá, ou funga o nariz um pouco alto, ou lhe passa alguma coisa pela cabeça; Deus me livre e salve! sorriu para mim; fungou o nariz bem alto de propósito para me afrontar; olhou para cá em vez de para lá propositalmente, para me desprezar! Não se pode fazer nada sem que suspeitem que se tenha como intenção algum tipo de malícia; porque a malícia está neles, oculta por dentro. Olhem-nos nos olhos. Dão medo. Olhos de lobo... Vamos, vamos. Já deve estar na hora de voltar pra dentro. Vamos àquelas pobres filhotas.

(Uma vez medido o tempo necessário para que os quatro grupos interpretem simultaneamente suas falas, cada um no lugar indicado, que se proceda de modo [até cortando ou adicionando uma palavra ou outra onde for conveniente] que, no fim, todos se reagrupem simultaneamente e saiam do foyer. Entretanto, a simultaneidade deverá ser regulada de acordo com o tempo necessário para que o Doutor Hinkfuss realize seus prodígios no palco. Esses prodígios poderiam ser confiados às bizarrices do Doutor Hinkfuss. Mas porque ele próprio, e não o autor da novela, quis que Rico Verri e os outros jovens oficiais fossem aviadores, é provável que assim tenha querido para ter o prazer de preparar, diante do público que permaneceu na sala, uma bela cena que represente um campo de aviação, realizada com admirável efeito na aparência. De noite, sob um céu estrelado magnífico, poucos elementos essenciais: tudo no chão é pequeno para dar a sensação do espaço delimitado por esse céu semeado de estrelas: pequena, ao fundo, a casinha branca dos oficiais, com as janelinhas iluminadas, pequenos os aviões, dois ou três, esparsos no campo aqui e ali: e uma grande sugestão de luzes escuras: e o zunido de um avião invisível, que voe na noite serena. Pode-se deixar que o Doutor Hinkfuss seja absorvido por esse prazer, mesmo que na sala não haja nenhum espectador. Nesse caso, [que é previsível] não haveria mais a representação simultânea desse entreato, ali no foyer do teatro e aqui no palco. Mas o mal seria facilmente remediável. O Doutor Hinkfuss, a despeito de a cortina ter sido aberta, ao ver que seu discurso de exórdio não surte o efeito de reter na sala nem mesmo uma pequena parte do público, retira-se para a coxia, um pouco contrariado. Quando a representação no foyer termina e os espectadores são convocados, ao sinal dos sininhos, a voltarem a seus lugares, ele acaba desabafando com uma palestra sobre sua bravura.

O que importa, sobretudo, é que o público tenha tolerância por essas coisas que, se não chegam a ser supérfluas, são simplesmente acessórias. Porém, dado que se pode notar que ele ganha gosto por esses signos todos e que vai procurando com gula voraz, mais do que as iguarias autênticas, esse gosto pelo acessório, que este seja de bom uso. O Doutor Hinkfuss tem razão e, assim, o atulha prontamente: depois dessa cena do campo de aviação, outra cena, dizendo bem claramente e com o desprezo típico do grande senhor que pode se dar a certos luxos, que na verdade pode-se até prescindir da primeira cena porque não é estritamente necessária. Há de se perder um pouco de tempo para se obter um bom efeito; dá-se a entender o contrário: que não se quer perder tempo; tanto que se suprimiu uma cena que, sem prejuízo, podia ser omitida. Nós também omitiremos os comandos que o Doutor Hinkfuss pode orquestrar

por si mesmo facilmente com a ajuda dos eletricitas e contrarregras para a montagem do campo de aviação. Assim que o campo estiver montado, ele desce do palco à plateia, coloca-se no meio do corredor, regulando bem, com outros comandos oportunos, os efeitos de luz; e, quando consegue que eles fiquem perfeitos, sobe novamente ao palco.)

DOUTOR HINKFUSS

Não. Não! Tirem tudo! Tirem tudo! Cessem esse zumbido! Desliguem. Desliguem. Acho que esta cena pode ser suprimida também. Sim, o efeito é bom; mas, com os meios que temos à disposição, podemos obter outros que sejam até melhores, que conduzam a ação adiante mais desembaraçadamente. Por sorte, eu, esta noite, estou livre diante dos senhores e espero que não lhes cause desgosto ver como se monta um espetáculo, não somente diante de seus próprios olhos, mas também (por que não?) com a colaboração dos senhores. O teatro, como os senhores podem ver, é a boca escancarada de um grande maquinário com fome: uma fome que os senhores poetas...

POETA, NA FRENTE

Por favor, não diga “senhores” aos poetas: os poetas não são senhores!

DOUTOR HINKFUSS

(pronto)

Nem mesmo os críticos são, nesse sentido, senhores; e eu também os chamei assim, por uma certa afetação polêmica que, sem ofensa, acredito eu, neste caso, me possa ser consentida. Uma fome, eu dizia, que os senhores poetas pecam por não saberem saciar. Através desta máquina do teatro, como através de outras máquinas enormes e admiravelmente criadas e desenvolvidas, é deplorável que a fantasia... dos poetas, retraída, não consiga mais encontrar nutrição adequada e suficiente. Não se quer dizer com isso que o teatro seja, sobretudo, espetáculo. Arte, sim, mas vida também. Criação, sim, mas não duradoura: momentânea. Um prodígio: a forma que se movimenta. E o prodígio, meus senhores, só pode ser momentâneo. Em um momento, diante dos seus olhos, criar uma cena; e dentro dessa, outra, e outra mais. Um instante de escuro; uma rápida manobra; um sugestivo jogo de luzes. Aí está, os fiz ver.

(Bate palmas e comanda)

Blackout!

(Com o blackout, fecha-se silenciosamente a cortina por trás das costas do Doutor Hinkfuss. Acendem-se as luzes da plateia enquanto tocam os sininhos que chamam os espectadores de volta a seus lugares. No caso de todo o público ter saído da sala e do Doutor Hinkfuss (se faltar a simultaneidade da representação dupla, lá no foyer e aqui no palco) ser obrigado a esperar o retorno do público à sala para dar início à manobra da primeira cena do campo de aviação e à conversa sucessiva, não se fecharia a cortina e, depois do comando de blackout, ele, diante de todo o público presente na sala, seguiria a dar as outras ordens para o prosseguimento do espetáculo. Aqui se prevê o caso em que a simultaneidade, como seria desejável, aconteça; e se deve encontrar um modo de fazer com que aconteça. Com a cortina fechada e as luzes da plateia acesas, o Doutor Hinkfuss prossegue)

DOUTOR HINKFUSS

Vamos esperar até que o público retorne completamente. Devemos também dar tempo para que a Senhora Ignazia e as senhoritas La Croce cheguem em casa depois do teatro, acompanhadas pelos seus jovens oficiais.

(dirigindo-se ao Senhor da Frente, que agora volta à plateia)

E se, enquanto isso, o senhor que impreterivelmente me interrompe fizesse a gentileza de informar ao público que permaneceu sentado aqui se aconteceu algo de novo lá no foyer...

SENHOR DA FRENTE

Fala comigo?

DOUTOR HINKFUSS

Com o senhor, sim. Se o senhor pudesse fazer a gentileza...

SENHOR DA FRENTE

Não, nada de novo. Uma digressão graciosa. Conversaram. Soubemos somente que o bufo Senhor Palmiro, Sampognetta, está apaixonado pela cantora do cabaré.

DOUTOR HINKFUSS

Ah, sim; mas isto já podíamos entender antes. De resto, tem pouca importância.

JOVEM ESPECTADOR, NO FUNDO

Não, com licença, entendemos bem que o oficial Rico Verri...

ATOR PRINCIPAL

(afastando a beirada da cortina, nas costas do Doutor Hinkfuss)

Chega, chega desse oficial! Daqui a pouco me livro desta farda!

DOUTOR HINKFUSS

(dirigindo-se ao Ator Principal, que já recolheu o rosto para trás da cortina)

Alto lá! Por que o senhor tomou a palavra?

ATOR PRINCIPAL

(colocando novamente o rosto para fora da cortina)

Porque esse título me irrita e, para pôr os pingos no is: eu não sou oficial de carreira.

(recolhe novamente o rosto)

DOUTOR HINKFUSS

Eu tinha lhe chamado a atenção para isso desde o início. Chega.

(dirigindo-se ao Jovem Espectador)

Mil desculpas! O senhor dizia...?

JOVEM ESPECTADOR

(intimidado e embaraçado)

Mas... nada de importante... Eu dizia que... que, lá no *foyer* também, esse senhor Verri demonstrou o seu mau humor, e, ao que parece, começa a ficar significativamente cansado do escândalo que aquelas senhoritas e a... senhora mãe...

DOUTOR HINKFUSS

Sim, sim, sim, está bem; mas também isso conseguíamos ver desde o início. Obrigado de qualquer modo.

(ouve-se, vindo de trás da cortina, o som do piano tocando a ária de Sibel no

Fausto de Gounoud)

*“Le parlate d’amor... o cari fior...”**

Isso mesmo: o piano: tudo pronto.

(afasta um pouco a cortina e dá um comando para dentro do palco)

Gongo!

(quando o gongo é golpeado, ele desce para seu assento, e a cortina se abre)

* “*Milan*” é o nome da cidade em dialeto milanês.

** “*El nost Milan*” significa “a nossa Milão” no dialeto local.

*** Chiaia e Posillipo são bairros de Nápoles.

* “Fale-lhe de amor... oh, flor querida...”

Terceiro ato

(À direita, ao fundo, o esqueleto de uma parede de vidro com saída no meio, de modo que, de lá, se entreveja também a antecâmara, mas apenas com um inteligente toque de cor e umas poucas lâmpadas acesas. Na metade da cena, outro esqueleto de parede, e esse também com saída no meio, aberto, cuja sala de jantar, sumariamente esboçada com um aparador pretensioso e uma mesa coberta de um tapete vermelho, sobre o qual, do teto, pende uma lâmpada, agora apagada, com um enorme quebra-luz, de uma bela cor laranja e verde. Sobre o aparador, há, entre outras coisas, um castiçal metálico com a vela, uma caixa de fósforos e uma rolha de cortiça. Na saleta, outro piano, um divã, uma ou outra mesinha e cadeiras. Quando a cortina se abre, vê-se Pomàrici ainda tocando o piano e Nenè dançando ao som dessa música com Sarelli, como Dorina com Nardi, a passo de valsa. Agora, eles retornam do teatro. A Senhora Ignazia traz, amarrado ao redor do rosto, um lenço de seda preta, por conta de uma dor de dente. Rico Verri correu a uma farmácia noturna em busca de um remédio que lhe fizesse passar a dor. Mommina está sentada ao lado da mãe no divã, perto do qual também está Pometti. Totina está lá, fora de cena, com Mangini.)

MOMMINA

(para a mãe, enquanto Pomàrici toca e os dois casais dançam)

Está sentindo muita dor?

(e aproxima uma de suas mãos do rosto da mãe)

SENHORA IGNAZIA

Eu fico com raiva! Não me toque!

POMETTI

O Verri foi à farmácia e estará aqui a qualquer momento.

SENHORA IGNAZIA

Não vão abrir pra ele! Não vão abrir pra ele!

MOMMINA

Mas eles têm obrigação de abrir: farmácia noturna!

SENHORA IGNAZIA

Até parece! Como se você não soubesse em que cidade nós vivemos. Ai! Ai!
Não me façam falar; eu fico com raiva! São capazes de não abrir pra ele se souberem que é pra mim!

POMETTI

Oh, a senhora vai ver que Verri vai conseguir que abram pra ele! É até capaz de botar a porta abaixo!

NENÈ

(plácida, continuando a dançar)

Sim, a senhora está segura, mamãe!

DORINA

(como em cima)

Imaginem se não vão abrir! Quando ele se mete a besta, é mais animal do que eles!

SENHORA IGNAZIA

Não, não, pobre coitado, não falem assim. É tão bom! Foi correndo imediatamente.

MOMMINA

Parece-me que sim! Ele sozinho. Enquanto vocês estão dançando.

SENHORA IGNAZIA

Deixe-os! Deixe-os dançar! A minha dor não passa se ficam ao meu redor e me perguntam como estou.

(para Pometti)

É a fúria; a fúria que me põe no sangue essa gente, a razão de todos os meus males.

NENÈ

(parando de dançar e indo acudir a mãe, toda acesa com a proposta que quer fazer)

Mamãe, e se a senhora rezasse a ave-maria, como da outra vez?

POMETTI

Excelente ideia!

NENÈ

(continuando)

A senhora sabe que, rezando, a sua dor passou!

POMETTI

Sim, tente, minha senhora, tente!

DORINA

(enquanto continua dançando)

Sim, sim, reze, reze, mamãe; a senhora vai ver que a dor vai passar.

NENÈ

Está bem! Mas vocês parem de dançar!

POMETTI

Certo! E você também de tocar, oh! Pomàrici.

NENÈ

A mamãe vai rezar a ave-maria, como da outra vez!

POMÀRICI

(levantando-se do piano e indo ao encontro da Senhora Ignazia)

Ah, sim. Vamos ver, vamos ver se o milagre se repete.

SARELLI

Reze em latim, Senhora Ignazia!

NARDI

Certo! Vai fazer mais efeito.

SENHORA IGNAZIA

Ah, não. Deixem-me em paz! O que vocês querem que eu faça?

NENÈ

Veja bem! A senhora tem a prova da outra vez! A dor passou!

DORINA

No escuro! No escuro!

NENÈ

Recolhimento! Recolhimento! Pomàrici, apague a luz.

POMÀRICI

Mas onde está Totina?

DORINA

Está ali com Mangini. Não pense em Totina e apague a luz!

SENHORA IGNAZIA

De jeito nenhum! Vamos precisar, pelo menos, de uma vela. E as mãos na posição. E, Totina, venha cá!

MOMMINA

(chamando)

Totina! Totina!

DORINA

A vela está lá!

NENÈ

Vá você pegar a vela; eu vou pegar a estatueta da Nossa Senhora!

(Corre em direção ao fundo: enquanto Dorina vai, com Nardi, à sala de jantar para pegar a vela sobre o aparador. Antes de acendê-la, no escuro, Nardi abraça Dorina intensamente e lhe dá um beijo na boca.)

SENHORA IGNAZIA

(gritando para Nenè, que fugiu)

Não. Não é preciso. Que estatueta! Podemos abrir mão disso!

POMÀRICI

(também gritando para Nenè)

Em vez disso, diga para a Totina vir aqui.

SENHORA IGNAZIA

Sim, sim, Totina, venha aqui já!

POMETTI

Uma mesinha para servir de pequeno altar!

(e vai pegá-la)

DORINA

(retornando com a vela acesa, enquanto Pomàrici desliga a luz)

Aqui está a vela!

POMETTI

Aqui, sobre a mesinha!

NENÈ

(do fundo, com a estatueta da Nossa Senhora)

E aqui está Nossa Senhora!

POMÀRICI

E a Totina?

NENÈ

Já vem. Já vem. Não se aborreça por causa da Totina.

SENHORA IGNAZIA

Mas se pode saber onde a Totina está?

NENÈ

Só está preparando uma surpresa. Vocês já vão ver.

(convidando a todos com um gesto)

Aqui atrás, aqui atrás de todos, e ao redor! Recolha-se, mamãe!

(Quadro. Na penumbra quase ampliada pelo lume tremulante da vela, o Doutor Hinkfuss preparou um efeito delicadíssimo: a difusão de uma suavíssima “luz de milagre” [luz psicológica], verde, quase uma emanção da esperança que o milagre se cumpra. Somente a Senhora Ignazia, diante da estatueta da Nossa Senhora, colocada com a vela sobre a mesinha, se põe a rezar com as mãos juntas, com voz lenta e profunda, as palavras da prece, quase esperando que, depois de cada palavra, sua dor passe.)

SENHORA IGNAZIA

Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum...

(De repente, um trovão e o espocar diabólico de um relâmpago vermelho arruinam tudo. Totina, vestida de homem, com a farda de oficial de Mangini, entra cantando, seguida de Mangini, que veste um longo roupão do Senhor Palmiro. De repente, o trovão se torna a voz de Totina cantando; como o relâmpago vermelho se torna a luz que Mangini dá novamente à sala, ao entrar.)

TOTINA

“Le parlate d’amor – o cari fior...”

(grito unânime, altíssimo, de protesto)

NENÈ

Fique calada, sua burra!

MOMMINA

Estragou tudo!

TOTINA

(confusa)

O quê?

DORINA

A mamãe estava rezando a ave-maria.

TOTINA

(para Nenè)

Você poderia ter dito!

NENÈ

Mas é claro. Eu deveria ter adivinhado que você iria baixar aqui justamente neste momento!

TOTINA

Eu já estava vestidíssima quando você entrou para pegar a Nossa Senhora!

NENÈ

Então, você poderia ter imaginado pra quê!

DORINA

Chega! Chega! Que fazemos agora?

POMÀRICI

Vamos nos refazer! Vamos nos refazer!

SENHORA IGNAZIA

(apatetada, esperando, como se já tivesse recebido o milagre na boca)

Não... esperem... eu não sei...

MOMMINA

(feliz)

Passou a dor?

SENHORA IGNAZIA

(como acima)

Não sei... terá sido o diabo... ou Nossa Senhora...

(contorce o rosto por causa de um nova pontada de dor)

Não, não... ai... de novo... Aiiii... meu Deus, que espasmo!

(de repente, controlando-se, batendo um dos pés no chão, impõe-se a si mesma)

Não! Não quero vencê-la! Cantem, cantem, filhotas! Cantem, filhotes! Façam-me esse favor: cantem, cantem! Ai de mim se eu me aviltar com essa dor! Avante, avante, Mommina: “*Stride la vampa*”!*

MOMMINA

(enquanto todos gritam aplaudindo: “Sim, sim, muito bem! O coro do Trovador!”)

Não, não, mamãe, não me sinto à vontade! Não!

SENHORA IGNAZIA

(rogando com raiva)

Mommina, me faça essa caridade! É pela minha dor!

MOMMINA

Mas eu estou lhe dizendo que não me sinto à vontade!

NENÈ

Ai! Deixe disso e contente-a uma vez!

TOTINA

Ela disse a você que não quer se aviltar com essa dor!

SARELLI E NARDI

Sim, sim, cante!

Contente-a, senhorita!

DORINA

Meu Deus, como você se faz de rogada!

NENÈ

Você imagina que nós não supomos por que você não quer mais cantar?

POMÀRICI

Não. A senhorita vai cantar!

SARELLI

Se é por Verri, não se incomode, que fica por nossa conta mantê-lo sob controle!

POMÀRICI

Cantando, lhe juro, a dor se encanta.

SENHORA IGNAZIA

Sim, sim, faça isso pela sua mãe!

POMETTI

Que coragem tem essa nossa Generala!

SENHORA IGNAZIA

Você, Totina, *Manrico*, hein?

TOTINA

É! Já estou vestida!

SENHORA IGNAZIA

Coloquem-lhe um bigode; façam um bigode nesta minha filhota!

MANGINI

É pra já! Eu faço o bigode nela!

POMÀRICI

Não! Se me permite, eu faço o bigode nela!

NENÈ

Aqui temos uma rolha de cortiça. Pomàrici! Eu vou correndo pegar um senhor chapéu com plumas! E um lencinho amarelo e um xale vermelho para Azucena!

(vai embora pelo fundo e retorna pouco depois com o que disse que traria)

POMÀRICI

(para Totina, enquanto lhe faz o bigode)

E fique um pouco parada, por favor!

SENHORA IGNAZIA

Muito bem! Mommima, Azucena...

MOMMINA

(agora praticamente consigo mesma, quase sem força para se opor)

Não, eu não...

SENHORA IGNAZIA

(continuando)

... Totina, Manrico...

SARELLI

E nós todos, o coro dos ciganos!

SENHORA IGNAZIA

“All’opra, all’opra! Dàgli, Martella.

*Chi del gitano la vita abbella?”**

(pergunta, cantando, a alguns que permanecem a olhá-la, não sabendo se pergunta seriamente ou se por brincadeira; e então, dirigindo-se a outros, pergunta novamente)

“Chi del gitano la vita abbella?”

(mas esses outros também a olham como os primeiros; não aguenta mais a dor e, com muita raiva, pergunta outra vez a todos, para ter a resposta)

“Chi del gitano la vita abbella?”

TODOS

(compreendendo finalmente, entoam a resposta)

*“La zingarèèè... eeeèlla!”***

SENHORA IGNAZIA

(inicialmente resfolegando, para finalmente ser compreendida)

Ahhhh!

(enquanto os outros sustentam a nota, para si mesma, contorcendo-se de dor)

Que desgraça! Que desgraça! Não aguento mais! Força, força, filhotes, não parem de cantar!

POMÀRICI

Essa não! Esperem, em nome de Deus, que tenha terminado.

DORINA

Ainda? Já chega!

SARELLI

Está muito bom!

NENÈ

Um amor! Agora, o chapéu! O chapéu!

(dá-lhe o chapéu e se dirige a Mommina)

E você, sem histórias! O lenço na cabeça!

(para Sarelli)

Amarre-o atrás!

(*Sarelli obedece*)

E o xale por cima, assim!

DORINA

(*com um empurrão em Mommina, que permanece inerte*)

Mexa-se!

POMÀRICI

Ah, mas seria preciso alguma coisa pra se bater!

NENÈ

Achei! Os pilões de latão!

(*vai pegá-los de cima do aparador na sala de jantar; retorna e os distribui*)

POMÀRICI

(*indo para o piano*)

Agora, atenção! Vamos começar do começo!

“*Vedi le fosche notturne spoglie...*”

(*põe-se a tocar o coro dos ciganos, com o qual começa o segundo ato do Trovador*)

CORO

(*Iniciando*)

“*Vedi le fosche notturne spoglie
de' cieli sveste l'immensa volta:
sembra una vedova che alfin si toglie
i bruni panni ond'era involta.*”*

(*batendo os pilões*)

“*All'opra, all'opra! Dàgli, Martella.
Chi del gitano la vita abbellà?*”

(*três vezes*)

“La zingarella!”

POMÀRICI

(para Mommina)

Então, atenção, senhorita. Sua vez! E vocês todos ao redor!

MOMMINA

(indo para a frente)

“Stride la vampa! la folla indomita

Corre a quel foco, lieta in sembianza!

Urli di gioia intorno echeggiano:

Cinta di sgherri donna s'avanza.”*

(Enquanto os outros cantam, inicialmente como coro e depois com Mommina solando, a Senhora Ignazia, sentada em um banquinho, agitando-se como uma urso, batendo alternadamente cada uma das patas, resmunga com cadência, como se dissesse em seu sufrágio uma litania)

SENHORA IGNAZIA

Ah, meu Deus, estou morrendo! Ah, meu Deus, estou morrendo! Penitência pelos meus pecados! Meu Deus, meu Deus, que espasmo! Força, meu Deus, me golpeie! E me faça sofrer sozinha! Desconte somente em mim, meu Deus, o divertimento das minhas filhotas! Cantem, cantem, sim, gozem, filhotas! Deixem que somente eu fique com raiva dessa dor que é penitência por todos os meus pecados! Eu as quero contentes, festeiras, festeiras, assim! Ah, meu Deus, a alegria que eu não pude ter... jamais, jamais, meu Deus, jamais, jamais... Quero que tenham as minhas filhotas! Elas têm que ter alegria! Têm que ter alegria! Pago eu, somente eu, por elas, mesmo se elas não cumprirem, meu Deus, os seus santos mandamentos.

(e entoa com os outros enquanto as lágrimas lhe escorrem dos olhos)

“La zingarèèèè... eeeellaa!”*... Silêncio! Agora Mommina canta, voz de grande fama!... La vampa, sim! – Ah... tenho na ponta da língua, a chama... Lieta, sí, lieta in sembianza...**

(nessa altura, Rico Verri chega do fundo. Inicialmente, fica parado, como se o espanto escancarasse um precipício diante de sua ira; depois, dá um salto e

investe contra Pomàrici; tira-o do banquinho e o arremessa ao chão, gritando)

RICO VERRI

Ah, meu Deus! É assim que vocês zombam de mim?

(a primeira reação é o espanto de todos, que se expremim com exclamações tolas e incongruentes)

NENÈ

Mas olhem que modos!

DORINA

É louco?

(depois, uma briga, quando Pomàrici se levanta e investe contra Verri enquanto os outros, falando simulataneamente, colocam-se no meio e tentam separá-los e contê-los, formando uma grande confusão)

POMÀRICI

Você me deve satisfação pelo que fez!

VERRI

(afastando-o violentamente)

Mas eu ainda não acabei!

SARELLI E NARDI

E a nós também!

Deve a todos pelo que fez!

VERRI

A todos, é? Pois quebro o focinho de cada um de vocês!

TOTINA

Quem disse que o senhor tem autoridade em nossa casa?

VERRI

Mandam-me pegar o remédio...

SENHORA IGNAZIA

O remédio; e depois?

VERRI

(indicando Mommina)

E me fazem encontrá-la mascarada assim!

SENHORA IGNAZIA

Saia da minha casa imediatamente!

MOMMINA

Eu não queria; não queria; eu disse a todos que não queria!

DORINA

Olhem só o que temos de escutar! Esta burra se desculpando!

NENÈ

Aproveita-se de que não temos um homem em casa, que o ponha para fora a pontapés como merece!

SENHORA IGNAZIA

(para Nenè)

Vá chamar o seu pai imediatamente! Que saia da cama e venha aqui imediatamente!

SARELLI

Mas se é por isso, nós podemos pô-lo pra fora!

NENÈ

(correndo para chamar o pai)

Papai! Papai!

(vai embora)

VERRI

(para Sarelli)

Quero ver vocês me colocarem pra fora!

(para Nenè, que está correndo)

Chame, sim, chame o papai: dou satisfação ao chefe da casa por aquilo que faço: exigir dessas pessoas o respeito por vocês todas!

SENHORA IGNAZIA

Quem lhe deu a incumbência? Como ousa pretender isso?

VERRI

A senhorita sabe como!

(ele indica Mommina)

MOMMINA

Mas não assim, com violência!

VERRI

Ah, sou eu o violento com a senhora? Não os outros?

SENHORA IGNAZIA

Repito ao senhor que não quero saber de nada. Porta da rua, serventia da casa.

VERRI

Não é a senhora quem deve me dizer isso.

SENHORA IGNAZIA

Minha filha lhe dirá o mesmo! E, de resto, na minha casa mando eu!

DORINA

Todos nós lhe diremos o mesmo!

VERRI

Não é suficiente! Se a senhorita está comigo! Eu sou o único aqui que tem intenções honestas!

SARELLI

Olhem só: honestas!

NARDI

Aqui não se faz nada de mau!

VERRI

A senhorita sabe!

POMÀRICI

Bufão!

VERRI

Bufões são vocês!

(brandindo um banquinho)

E tratem de não se intrometerem mais, ou isso vai acabar mal agora mesmo!

POMETTI

(para os companheiros)

Vamos embora! Vamos nos retirar!

DORINA

Ah, não! Por quê?

TOTINA

Não nos deixem sozinhas. Não é ele quem manda na nossa casa!

VERRI

Veja se não fica doente amanhã, Nardi! Nos veremos de novo!

NENÈ

(entrando novamente, com grande ansiedade)

O papai não está em casa!

SENHORA IGNAZIA

Não está em casa?

NENÈ

Olhei por toda parte. Não está!

DORINA

Mas como? Não voltou pra casa?

NENÈ

Não voltou pra casa.

MOMMINA

E onde estará?

SENHORA IGNAZIA

Ele ainda está na rua a esta hora?

SARELLI

Deve ter voltado ao cabaré!

POMÀRICI

Senhora, nós já vamos.

SENHORA IGNAZIA

Não. Esperem...

MANGINI

Claro! Esperem! Não posso ir embora assim de jeito nenhum!

TOTINA

Ah, sim! Desculpe. Eu não me lembrava mais de ter vestido a sua farda.
Vou imediatamente tirá-la.

(sai)

POMÀRICI

(a Mangini)

Espere, então, até que a senhorita lhe devolva a farda: nós já estamos indo.

SENHORA IGNAZIA

Desculpem-me, mas não vejo...

VERRI

Mas eles veem; já que a senhora não quer ver!

SENHORA IGNAZIA

Eu torno a lhe dizer que é o senhor que deve ir embora! Não eles, entendeu?

VERRI

Não, senhora: eles! Porque, diante da seriedade de meu propósito, sabem que não tem mais lugar aqui para a brincadeira indigna deles.

POMÀRICI

Sim, sim, você vai ver amanhã como nós costumamos brincar!

VERRI

Não me parece que seja hora de ver isso!

MOMMINA

Por favor, por favor, Verri!

VERRI

(tremendo)

A senhora não fique aí rogando!

MOMMINA

Não, não estou rogando! Quero dizer somente que a culpa é minha, que me rendi! Eu deveria, sabendo que o senhor...

NARDI

... como um siciliano sério, o senhor não podia ficar de brincadeira!

SARELLI

Mas nem nós estamos de brincadeira agora!

VERRI

(para Mommina, como Atriz Principal, saindo espontaneamente de seu papel, com a cólera do Ator Principal, condenado a dizer o que não quer)

Muito bem! Está contente?

MOMMINA

(como Atriz Principal, desconcertada)

De quê?

VERRI

(como acima)

De ter dito o que não devia! O que tinha a ver se incriminar assim no último momento?

MOMMINA

(como acima)

Mas me veio espontaneamente...

VERRI

E, no entanto, fez com que esses aí voltassem a ter razão! Devo ser eu o último a gritar que esses todos aí vão se ver comigo!

MANGINI

Eu também! Assim, de roupão!

(e abre as pernas exageradamente para pôr-se de guarda)

Pronto! Oplá!

NENÈ E DORINA

(rindo e batendo palmas)

Muito bem! Parabéns!

VERRI

(como acima e indignado)

Mas que “muito bem”! Tolices! Assim se estraga toda a cena! E não a terminamos mais.

DOCTOR HINKFUSS

(surgindo de seu assento)

Mas não! Por quê? Tudo estava fluindo tão bem! Adiante, adiante!

(ouvem-se batidas vindas dos fundos dos bastidores, as quais ficam cada vez mais fortes)

MANGINI

(desculpando-se)

É que com este roupão pode até me dar vontade de fazer brincadeiras!

NENÈ

Naturalmente!

VERRI

(desdenhoso, para Mangini)

Vá brincar de cabra-cega! Não venha querer representar aqui!

MOMMINA

Se o senhor... *(diz o nome do Ator Principal)* quer representar sozinho o

seu papel, e nós nada, diga-nos e nós iremos todos embora!

VERRI

Não. Vou eu embora, já que os outros querem fazer do jeito deles e como lhes convém, mesmo que seja um despropósito!

SENHORA IGNAZIA

Mas foi tão boa e oportuna, meu Deus, a súplica da senhorita: “A culpa é minha, que me rendi!”

POMÀRICI

(para Verri)

Oh, sabe, nós participamos também, enfim!

SARELLI

Nós também devemos viver os nossos papéis!

NARDI

Quer fazer bonito sozinho! Cada um deve fazer a sua parte!

DOUTOR HINKFUSS

(gritando)

Chega! Chega! A cena prossegue! Ao que me parece, agora foi a sua vez, senhor... *(nome do Ator Principal)* de estragar tudo!

VERRI

Não, eu não, por favor! Eu, na verdade, gostaria que falasse quem deve e me respondesse adequadamente!

(alude à Atriz Principal)

Há três horas estou repetindo “a senhorita sabe! a senhorita sabe!”, e a senhorita não encontra uma única palavra para confirmar o que eu digo! Sempre com essa atitude de *vítima*!

MOMMINA

(exasperada, quase chorando)

Mas eu sou; eu sou uma vítima! vítima das minhas irmãs, da casa, do senhor; vítima de todos!

(A esta altura, entre os atores que falam na ribalta em direção ao Doutor Hinkfuss, o Velho Ator Espirituoso, ou seja, Sampognetta, conquista uma posição de destaque, com um rosto de morto, as mãos ensanguentadas sobre o ventre esfaqueado; e ensanguentadas também a barriga e as calças.)

SAMPOGNETTA

Mas, enfim, senhor diretor, eu bato, bato, bato, assim, todo ensanguentado; estou com as tripas nas mãos: devo morrer na cena, o que não é fácil para um ator espirituoso; ninguém me diz pra entrar; encontro aqui a confusão; os atores desconcertados; faltou o efeito que eu jurava que teria conseguido com a minha entrada, porque, mesmo assim, derramando sangue e moribundo, estou bêbado; pergunto ao senhor como remediar isso agora!

DOUTOR HINKFUSS

Mas isso é coisa rápida! Apoie-se na sua cantora: onde está ela agora?

CANTORA

Eu estou aqui.

UM DOS FREGUESES DO CABARÉ

E estou eu aqui também para lhe dar apoio.

DOUTOR HINKFUSS

Está bem, dê-lhe apoio!

SAMPOGNETTA

Eu também tinha que fazer a cena da escada, apoiado pelos dois...

DOUTOR HINKFUSS

Suponha que o senhor já fez, meu Deus... E todos os outros, em seus postos! E abandonem o desespero! É possível se afogar assim em um copo d'água?

(retorna a seu assento resmungando)

Por causa de uma pontinha boba sem razão!

(Retoma-se a cena. O Senhor Palmiro emerge do fundo, sustentado pela Cantora, de um lado, e pelo Freguês do Cabaré, do outro. Logo em seguida, assim que a esposa e as filhas o veem, começam a gritar. Mas o Velho Ator

Espirituoso fica perturbado e lhes deixa desafogar por um momento, com um sorriso de apoio nos lábios e um ar de quem diz: “Quando vocês terminarem, falo eu”. Às perguntas angustiantes com que é massacrado, deixa que respondam, algumas delas, a Cantora, outras, o Freguês do Cabaré, ainda que quisesse que ficassem calados, à espera da resposta verdadeira que ele deseja dar no final. Os outros, ao vê-lo com aquele ar blasé, não sabem aonde ele quer chegar e interpretam, da melhor maneira possível, os seus papéis.)

SENHORA IGNAZIA

Meu Deus, quem foi?

MOMMINA

Papai! Meu pai!

NENÈ

Ferido?

VERRI

Quem o feriu?

DORINA

Onde ele foi ferido? Onde?

FREGUÊS

No ventre!

SARELLI

Uma facada?

CANTORA

Lacerado! Perdeu todo o sangue!

NARDI

Mas quem foi? Quem foi?

POMETTI

No cabaré?

MANGINI

Deitem-no, pelo amor de Deus!

SENHORA IGNAZIA

(enquanto a Cantora e o Freguês deitam o Senhor Palmiro no divã)

Então, ele tinha voltado ao cabaré?

NENÊ

Mas não pense no Cabaré agora, mamãe! A senhora não vê como ele está?

SENHORA IGNAZIA

É, me vejo entrar em casa... e olhe, olhe lá como ele a abraça com ardor!

Quem é?

CANTORA

Uma mulher, minha senhora, que tem mais coração do que a senhora!

FREGUÊS DO CABARÉ

Pense, minha senhora, que seu marido, aqui, está morrendo!

MOMMINA

Como foi isso? Como foi?

FREGUÊS DO CABARÉ

Ele quis tomar a defesa dela...

(indica a Cantora)

SENHORA IGNAZIA

(com uma risada sarcástica)

Isso mesmo! o cavalheiro!

FREGUÊS DO CABARÉ

Nasceu um litígio...

CANTORA

E aquele assassino...

FREGUÊS DO CABARÉ

Deixou-a e se revoltou contra ele!

VERRI

Diga, então: prenderam-no?

FREGUÊS DO CABARÉ

Não! Ele fugiu, ameaçando a todos com uma faca na mão.

NARDI

Mas sabe-se ao menos quem é?

FREGUÊS DO CABARÉ

(indicando a Cantora)

Ela sabe bem...

SARELLI

O amante dela?

CANTORA

Meu carrasco! Meu carrasco!

FREGUÊS DO CABARÉ

Queria fazer uma carnificina!

NENÈ

É preciso mandá-lo imediatamente a um médico!

(Totina chega, ainda meio desarrumada)

TOTINA

Quem foi? Quem foi? Oh, meu Deus, papai? Quem o feriu?

MOMMINA

Fale, fale, diga ao menos alguma coisa, papai!

DORINA

Por que o senhor nos olha assim?

NENÈ

Olha e sorri.

TOTINA

Mas onde foi? Como foi?

NENÈ

Olha e sorri.

SENHORA IGNAZIA

(para Totina)

No cabaré! Você não vê?

(indica a cantora)

Naturalmente!

NENÈ

Um médico! Um médico! Não vamos deixar que ele morra assim...

MOMMINA

Quem pode ir chamá-lo imediatamente?

MANGINI

Eu iria se não estivesse assim...

(mostra o roupão)

TOTINA

Ah, sim. Vá já vestir a sua farda: está ali.

NENÈ

O senhor, Sarelli, por caridade!

SARELLI

Sim, eu vou; eu vou agora mesmo.

(sai pelo fundo com Mangini)

VERRI

Mas por que ele não diz nada?

(alude ao Senhor Palmiro)

Deveria dizer alguma coisa...

TOTINA

Papai! Papai!

NENÈ

Continua olhando e sorrindo.

MOMMINA

Estamos todos nós aqui em volta do senhor, papai!

VERRI

É possível que queira morrer sem dizer nada?

POMÀRICI

Cômodo! Fica aí, nem morto nem vivo. O que ele espera?

NARDI

Eu não sei mais o que acrescentar! Sarelli foi atrás de um médico; abençoado seja! E Mangini foi atrás da sua farda...

SENHORA IGNAZIA

(para o marido)

Fale! Fale! Não sabe dizer nada! Se você tivesse obedecido... pensado que tinha quatro filhas às quais pode até vir a faltar pão!

NENÈ

(depois de ter esperado um pouco, com todos)

Olhem só: ele está sorrindo!

MOMMINA

Não é natural.

DORINA

O senhor não pode sorrir assim, papai, nos olhando! Nós também estamos aqui!

FREGUÊS DO CABARÉ

Talvez porque tenha bebido um pouco...

MOMMINA

Não é natural! Quando alguém bebe, se o vinho for triste, fica calado; mas se chega ao ponto de rir, fala! Não deveria rir, então!

SENHORA IGNAZIA

Podemos saber, ao menos, por que você está sorrindo assim?

(mais uma vez, todos ficam parados por um breve momento)

SAMPOGNETTA

Porque eu me deleito em ver como vocês são melhores que eu.

VERRI

(enquanto os outros se olham nos olhos, repentinamente desanimados em seu próprio jogo)

Mas o que você está dizendo?

SAMPOGNETTA

(reposicionando-se de modo a ficar sentado no divã)

Digo que eu, assim, sem saber como entrei em casa, já que ninguém foi abrir a porta para mim depois de eu ter batido tanto...

DOUTOR HINKFUSS

(levantando-se do assento, irritadíssimo)

Outra vez? Do começo?

SAMPONETTA

Não consigo morrer, senhor diretor; me dá vontade de rir vendo como todos são tão competentes, e não consigo morrer. A camareira... *(olha em volta)* Onde está? não a vejo... deveria correr para anunciar: “Oh, meu Deus, o patrão! Oh, meu Deus, o patrão! trazem-no para cá ferido!”

DOUTOR HINKFUSS

Mas o que o senhor está contando a mais agora? Já não tínhamos considerado a sua entrada em casa como se tivesse acontecido?

SAMPOGNETTA

Então, me desculpe, tanto faz se o senhor me considera morto, e não se fala mais nisso.

DOUTOR HINKFUSS

De jeito nenhum! O senhor deve falar, fazer a cena, morrer!

SAMPOGNETTA

Tudo bem! Aqui está feita a cena.

(abandona-se no divã)

Estou morto!

DOUTOR HINKFUSS

Mas não desse jeito!

SAMPOGNETTA

(ficando em pé e indo para a frente)

Caro senhor diretor, venha aqui e termine de me matar. O que mais posso lhe dizer? Eu lhe repito que, assim, por mim mesmo, não consigo morrer. Eu não sou um acordeão, que se alarga e se aperta e, quando se toca nas teclas, tira-se uma sonatina.

DOUTOR HINKFUSS

Mas os seus companheiros...

SAMPOGNETTA

(rápido)

São melhores do que eu; eu lhe disse isso e tive prazer em fazê-lo. Eu não posso. Para mim, a entrada era tudo. O senhor quis cortá-la... Eu precisava, para sobressair, do grito da camareira. E a Morte deveria entrar comigo, apresentar-se aqui na bazófia desavergonhada da minha casa; a Morte embriagada, como tínhamos combinado: embriagada por um vinho transformado em sangue. E eu deveria falar, sim, eu sei; começar a falar diante do horror de todos... eu... tomando coragem através do vinho e do sangue, ligado à vida unicamente por essa mulher.

(põe-se ao lado da Cantora e se pendura em seu pescoço com um braço)

Assim!... e dizer palavras insensatas, desconexas e terríveis para a minha esposa, para as minhas filhas, e até mesmo para estes jovens, a quem eu devia demonstrar que, se eu me passei por palerma foi porque eles foram malvados: esposa malvada, filhas malvadas, amigos malvados; e eu, não apenas um palerma, não; apenas bondoso; e eles, malvados; eu, apenas inteligente; e eles, estúpidos; eu, na minha ingenuidade; e eles, na sua bestialidade perversa; sim, sim;

(ficando com raiva, como se alguém o estivesse contradizendo)

Inteligente, inteligente, como são inteligentes os meninos (não todos; mas aqueles que crescem tristes em meio à bestialidade dos grandes). Mas eu deveria dizer essas coisas embriagado, em delírio; e passar as mãos ensanguentadas no rosto... assim... e sujá-lo no sangue.

(pergunta aos companheiros)

Ficou sujo?

(e como eles lhe fazem sinal de “sim”)

Bem...

(e continua)

E aterrorizar vocês e fazê-los chorar... mas chorar de verdade... e eu, já sem fôlego, fazendo assim com a boca...

(tenta assoviar, mas não consegue: fhhh, fhhh)

... para dar o meu último assovio; e depois, ah!

(chama em sua direção o Freguês do Cabaré)

Venha aqui você também.

(pendura-se em seu pescoço com o outro braço)

Assim... entre vocês dois... porém, mais encostado a você, minha bela... inclinar a cabeça... rapidamente como fazem os passarinhos... e morrer.

(inclina a cabeça sobre o seio da Cantora; pouco depois, solta os braços; cai no chão, morto)

CANTORA

Ah, meu Deus!

(tenta segurá-lo, mas depois o deixa)

Está morto! Está morto!

MOMMINA

(atirando-se sobre ele)

Papai, meu pai, meu pai...

(E começa a chorar de verdade. Esse ímpeto de comoção verdadeira da Atriz Principal provoca comoção nas outras atrizes também, as quais começam a chorar com sinceridade. Então, o Doutor Hinkfuss surge gritando)

DOUTOR HINKFUSS

Muito bom! Desligar o quadro! Desligar o quadro! – *Blackout!*

(blackout)

Saiam todos! As quatro irmãs e a mãe, em torno da mesa da sala de jantar... seis dias depois... com o cômodo no escuro, acende-se a lâmpada!

MOMMINA

(no escuro)

Senhor diretor, também devemos ir nos vestir de preto.

DOUTOR HINKFUSS

Certamente! De preto. Deveriam ter baixado a cortina depois da morte. Não tem importância. Vistam-se de preto. E que se feche a cortina. Luzes na plateia!

(fecha-se a cortina; reacendem-se as luzes da plateia e o Doutor Hinkfuss sorri, sentido)

O efeito falhou em parte; mas prometo que, amanhã, nós o obteremos, potentíssimo. Acontece, até mesmo na vida, meus senhores, que um efeito preparado com diligência, e com o qual nós contávamos, venha a falhar no melhor momento, e seguem-se naturalmente as reprovações à esposa, às filhas: “Você deveria ter feito isso” e “Você deveria ter falado assim”. É bem verdade que aqui se tratava de um caso de morte. Que pena que o meu

excelente... (*diz o nome do Ator Espirituoso*) tenha se obstinado desse jeito em relação à sua entrada. Mas o ator é valente; vai saber, com certeza, desempenhar maravilhosamente essa cena amanhã à noite. Cena crucial, meus senhores, por causa das consequências que traz. Eu a encontrei; não é da novela; e estou certo de que o autor jamais a teria incluído, até mesmo por um escrúpulo que eu não tinha motivo de respeitar: o de não contestar, ou seja, a crença muito difundida de que, na Sicília, se faz muito uso da faca. Se a ideia de fazer um personagem morrer lhe tivesse vindo à mente, ele talvez o fizesse morrer de uma síncope ou de outro acidente. Mas os senhores veem que outro efeito teatral alcança uma morte como eu imaginei, com o vinho e o sangue e o braço no pescoço da Cantora? O personagem deve morrer; a família, desmoronar por causa dessa morte; sem essas condições, não me parece natural que a filha Mommina possa dar seu consentimento em se casar com Rico Verri, aquele energúmeno, e resistir às persuasões contrárias da mãe e das irmãs, as quais já pediram informações na cidade vizinha, na costa meridional da ilha, e souberam que ele é, sim, de família abastada, mas que o pai tem, em sua cidade, fama de usurário e de homem tão ciumento que, em poucos anos, fez a esposa morrer de mágoa. Como essa moça bendita não se dá conta da sorte que a espera? Os pactos, os pactos aos quais Rico Verri, esposando-a pela obstinação de embotá-la na lida contra os seus companheiros oficiais, rende-se com o pai ciumento e usurário... e quais outros pactos terá estabelecido consigo mesmo, não somente para compensar o sacrifício que lhe custa aquela obsessão, mas também para destacar-se diante dos seus concidadãos, que conhecem bem a fama de que goza a família da noiva? Quem sabe como lhe fará pagar os prazeres que pôde lhe dar a vida vivendo até esse ponto em casa, com a sua mãe e as suas irmãs! Persuasões, como veem, validíssimas. A minha excelentíssima Atriz Principal, senhorita... (*diz o nome da Atriz Principal*) não é da minha alçada. Mommina é, para ela, a mais sábia das quatro irmãs, a sacrificada, aquela que sempre preparou as diversões para os outros e nunca gozou senão a custo de fadigas, de vigílias, de preocupações tormentosas; o peso da família fica todo sobre as costas dela; e entende tantas coisas e, mais do que tudo, que os anos passam; e que o pai, com toda aquela desordem em casa, não pode economizar nada; que rapaz algum da cidade jamais se casará com nenhuma delas; enquanto o Verri, bem, o Verri fará por ela, não somente um, mas três duelos com aqueles oficiais que, logo no primeiro golpe da aventura, ficam todos desmilinguados; a paixão dos melodramas,

no fundo, ela também tem em comum com as irmãs: Raul, Ernani, dom Álvaro...

*“né toglier mi potrò
l’immagin sua dal cuor...”**

... mantém-se firme e casa com ele.

(o Doutor Hinkfuss fala, fala, para dar tempo às atrizes de se vestirem de preto; mas agora não aguenta mais: tem um ataque; afasta um pouco um lado da cortina e grita em direção à coxia)

Afinal de contas, e esse gongo? Será possível que as senhoras atrizes não estejam prontas ainda?

(e acrescenta, fingindo que fala com alguém atrás da cortina)

Não? O que mais está acontecendo? O quê? Não querem mais atuar? Mas o que significa isso? Venha, venha aqui!

(o secretário do Doutor Hinkfuss se apresenta, todo embaraçado e perturbado)

SECRETÁRIO

É que dizem...

DOUTOR HINKFUSS

O que é que dizem?

ATOR PRINCIPAL

(atrás da cortina, ao secretário)

Fale. Fale alto. Grite as nossas razões!

DOUTOR HINKFUSS

Ah, outra vez o senhor?

(diz o nome do Ator Principal; mas também surge pela abertura da cortina os outros atores e atrizes, a começar pela Atriz Característica, que tira a peruca diante do público, bem como o Ator Espirituoso. O Ator Principal se despe da farda militar)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não, não, estamos todos; estamos todos, senhor diretor!

ATRIZ PRINCIPAL

Assim é impossível continuar!

OS OUTROS

Impossível! Impossível!

ATOR ESPIRITUOSO

Eu terminei a minha parte, mas estou aqui.

DOUTOR HINKFUSS

Pode-se saber, em nome de Deus, o que mais aconteceu?

(o fim da frase do Ator Espirituoso soa tranquilo, com efeito de ducha fria)

ATOR ESPIRITUOSO

Solidário com os meus colegas!

DOUTOR HINKFUSS

Solidário? O que significa isso?

ATOR ESPIRITUOSO

Que vamos todos embora, senhor diretor!

DOUTOR HINKFUSS

Vão embora? Pra onde?

ALGUNS

Vamos embora! Vamos embora!

ATOR PRINCIPAL

Se o senhor não for embora!

OUTROS

Ou vai o senhor ou vamos nós!

DOUTOR HINKFUSS

Eu, ir embora? Como ousam dar uma intimação dessas a mim?

ATORES

Então, nós vamos embora!

Isso! Vamos embora!

Chega de sermos marionetes!

Vamos, vamos embora!

(movimentam-se com excitação)

DOUTOR HINKFUSS

(impedindo-os)

Pra onde? Estão loucos? Aqui tem público que pagou! O que vocês vão fazer a respeito do público?

ATOR ESPIRITUOSO

Decida o senhor! Nós dizemos: ou vai o senhor ou vamos nós!

DOUTOR HINKFUSS

Eu volto a lhes perguntar o que mais aconteceu?

ATOR PRINCIPAL

O que mais? Então lhe parece pouco o que aconteceu?

DOUTOR HINKFUSS

Mas já não estava tudo remediado?

ATOR ESPIRITUOSO

Remediado como?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

O senhor pretende que se improvise...

DOUTOR HINKFUSS

Pelo modo como os senhores tinham se empenhado!

ATOR ESPIRITUOSO

Ah, mas não assim, desculpe, pulando cenas, com punho de ferro...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Retomando a cena a frio e pelo meio!

ATRIZ PRINCIPAL

Não conseguimos mais encontrar as palavras...

ATOR PRINCIPAL

Isso! Como eu lhe disse no início!... as palavras precisam nascer!

ATRIZ PRINCIPAL

Com licença, mas foi o senhor mesmo o primeiro a desrespeitar as palavras que me nasciam de um modo espontâneo!

ATOR PRINCIPAL

Tem razão, sim! Mas a culpa não é minha!

POMÀRICI

Isso mesmo! Foi ele quem começou!

ATOR PRINCIPAL

Deixe-me falar! A culpa não é minha: é dele!

(indica o Doutor Hinkfuss)

DOUTOR HINKFUSS

Minha? Mas por quê?

ATOR PRINCIPAL

Porque o senhor está aqui entre nós, com o seu maldito teatro, que Deus o afunde no abismo!

DOUTOR HINKFUSS

O meu teatro? Mas os senhores estão ensandecidos? Onde estamos? Não estamos no teatro?

ATOR PRINCIPAL

Estamos no teatro? Bem... Dê-nos, então, papéis para interpretarmos...

PRIMEIRA ATRIZ

Ato por ato, cena por cena...

NENÊ

As falas escritas, palavra por palavra...

ATOR ESPIRITUOSO

E cortes, então, sim, até onde o senhor queira; e nos faça pular cenas conforme bem entender; mas em pontos marcados e estabelecidos anteriormente!

ATOR PRINCIPAL

O senhor começa fazendo a vida jorrar em nós...

ATRIZ PRINCIPAL

Com tanta fúria de paixões...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Quanto mais se fala sobre isso, mais piora, sabe?

NENÊ

Estamos todos alvoroçados!

ATRIZ PRINCIPAL

Todos estremecidos!

TOTINA

(indicando o Ator Principal)

Eu o mataria!

DORINA

Prepotente, vem querer ditar a lei na nossa casa!

DOUTOR HINKFUSS

Mas é melhor assim, muito melhor assim!

ATOR PRINCIPAL

Tanto melhor se o senhor pretende que nós estejamos atentos à cena...

ATOR ESPIRITUOSO

Que não venha a faltar aquele tal efeito.

ATOR PRINCIPAL

Porque estamos no teatro! Como o senhor quer que pensemos no seu teatro se devemos viver? O senhor vê quais são as consequências? Que eu também pensei, por um momento, na cena por terminar como o senhor a via, com a última fala sendo minha, e interpretei mal a senhorita (*indica a*

Atriz Principal), que tinha razão, sim, razão, de rezar naquele momento...

ATRIZ PRINCIPAL

Eu rezei pelo senhor!

ATOR PRINCIPAL

Sim, perfeitamente...

(ao ator que fez o papel de Mangini)

... como o senhor também tinha razão com aquele roupão... e eu lhe peço desculpas: o bobo fui eu, que dei atenção a ele.

(indica o Doutor Hinkfuss)

DOUTOR HINKFUSS

Veja bem como fala!

ATOR PRINCIPAL

(ignora-o e se dirige novamente, com entusiasmo, à Atriz Principal)

Não me transtorne agora! A senhora é realmente a vítima; vejo, sinto que está plena do seu papel como eu do meu; sofro ao vê-la diante de mim *(pega o rosto dela entre as mãos)* com esses olhos, com essa boca, todas as penúrias do inferno; a senhora treme, morre de medo sob as minhas mãos: aqui temos o público que não podemos mandar embora; teatro ou não, não podemos mais, nem eu nem a senhora, nos metemos a fazer agora o teatro habitual; mas, como a senhora grita o seu desespero e a sua paixão, tenho eu também que gritar a minha paixão, aquela que me faz cometer o delito: bem... que aqui seja como um tribunal em que somos julgados!

(repentinamente, dirigindo-se ao Doutor Hinkfuss)

Mas é necessário que o senhor vá embora!

DOUTOR HINKFUSS

(confuso)

Eu?

ATOR PRINCIPAL

Sim... e que nos deixe sozinhos! nós dois sozinhos!

NENÊ

Muito bem!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Fazendo o que sentem que devem fazer!

ATOR ESPIRITUOSO

O que sentem que devem fazer... Muito bem!

TODOS OS OUTROS

(empurrando o Doutor Hinkfuss para fora do palco)

Sim, sim, vá embora! Vá embora!

DOUTOR HINKFUSS

Estão me expulsando do meu teatro?

ATOR ESPIRITUOSO

Não há mais necessidade do senhor!

TODOS OS OUTROS

(empurrando-o agora pelo corredor da plateia)

Vá embora! Vá embora!

DOUTOR HINKFUSS

Isso é de uma prepotência inaudita! Os senhores querem fazer um tribunal?

ATOR PRINCIPAL

O verdadeiro teatro!

ATOR ESPIRITUOSO

O que o senhor lança no ar todas as noites para fazer com que cada cena seja somente um espetáculo para os olhos!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Quando se vive uma paixão, aí está o verdadeiro teatro; então, um letreiro é o suficiente!

ATRIZ PRINCIPAL

Não se pode brincar com as paixões!

ATOR PRINCIPAL

Meter os pés pelas mãos para obter um efeito; só se pode fazer isso com as farsas!

TODOS OS OUTROS

Fora! Fora!

DOUTOR HINKFUSS

Eu sou o diretor dos senhores!

ATOR PRINCIPAL

A vida que nasce não é comandada por ninguém!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Até o escritor deve lhe obedecer!

ATRIZ PRINCIPAL

Pois é! Obedecer! Obedecer!

ATOR ESPIRITUOSO

E fora quem quer comandar!

TODOS OS OUTROS

Fora! Fora!

DOUTOR HINKFUSS

(com as costas voltadas para a porta de entrada da plateia)

Vou protestar! É um escândalo! Sou o diret...

(É empurrado para fora da sala. Enquanto isso, a cortina é reaberta no palco vazio e escuro; o secretário do Doutor Hinkfuss, os eletricitas e todo o pessoal de cena vêm assistir ao espetáculo extraordinário do diretor de teatro expulso por seus atores.)

ATOR PRINCIPAL

(para a Atriz Principal, convidando-a a voltar ao palco)

Vamos, vamos, volte logo ao palco!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Nós vamos fazer tudo sozinhos!

ATOR PRINCIPAL

Não será necessário nada!

POMÂRICI

Nós vamos criar as cenas...

ATOR ESPIRITUOSO

Muito bem! E eu vou me encarregar das luzes!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não. É melhor assim: tudo vazio e escuro! Melhor assim!

ATRIZ PRINCIPAL

Somente um pouco de luz para isolar, nesse fundo preto, as figuras!

ATRIZ PRINCIPAL

E sem o cenário?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não importa o cenário!

ATRIZ PRINCIPAL

Nem mesmo as paredes do meu cárcere?

ATOR PRINCIPAL

Sim; mas que se possam somente entrever... ali... por um momento, se a senhora as tocar; e depois basta: *blackout*; para dar a entender, enfim, que não é mais a senhora... que é a cena que comanda!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não basta que você nos ouça, minha filha, no seu cárcere; ele vai aparecer; todos o veremos, como se você o tivesse ao seu redor!

ATRIZ PRINCIPAL

Mas eu preciso, pelo menos, de um pouco de maquiagem...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Espere! Tenho uma ideia! uma ideia!

(para um contrarregra)

Uma cadeira aqui imediatamente!

ATRIZ PRINCIPAL

Que ideia?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Você vai ver!

(aos atores)

Enquanto isso, preparem-se; mas somente aquele pouquinho de que não se pode abrir mão. As cadeirinhas das duas meninas: veja se já foram colocadas lá!

(o contrarregra traz a cadeira)

ATRIZ PRINCIPAL

Como eu ia dizendo, fazer a minha maquiagem...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

(entregando-lhe a cadeira)

Sim, sente-se aqui, minha filha.

ATRIZ PRINCIPAL

(perplexa, como que perturbada)

Aqui?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim, aqui, aqui. E você vai sentir que dilaceração! Corra, Nenè; vá pegar a caixa de maquiagem, uma toalhinha... Ah, prestem atenção! As meninas com camisolas longas!

ATRIZ PRINCIPAL

Mas o que vocês querem fazer? Como?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Deixe por nossa conta... eu, a sua mãe e as suas irmãs, nós vamos maquiar você! Vai, Nenè!

TOTINA

Pegue um espelho também!

ATRIZ PRINCIPAL

E a roupa também, então!

DORINA

(para Nenè, que corre para os camarins)

A roupa também! A roupa também!

ATRIZ PRINCIPAL

A saia e a casaca; no meu camarim!

(Nenè assente com a cabeça e sai pela esquerda)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Deve ser a nossa dilaceração. Entende? Minha, do seu pai, que sabe o que é a velhice... antes do tempo, minha filha, envelhecer você...

TOTINA

E de nós, que ajudamos a fazer com que você ficasse bonita... agora, a fazer com que fique feia...

DORINA

Estragar você...

ATRIZ PRINCIPAL

Me dar a condenação por ter querido aquele homem?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim, mas com dilaceração, com dilaceração, a condenação...

TOTINA

Por você se ter separado de nós...

ATRIZ PRINCIPAL

Mas não acreditem ser por medo da miséria que nos esperava, morto o nosso pai... não!

DORINA

E então, por quê? por amor? mas você pôde se apaixonar de verdade por um monstro como aquele?

ATRIZ PRINCIPAL

Não; por gratidão...

TOTINA

A quê?

ATRIZ PRINCIPAL

Por ter acreditado... ele somente... com todo o escândalo que tinha sido espalhado...

TOTINA

Que uma de nós ainda pudesse se casar?

DORINA

Sim, grande ganho: casar com ele!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

O que deu em você? Agora... agora você vai ver!

NENÊ

(voltando com a caixa de maquiagem, um espelho, uma toalhinha, a saia e a casaca)

Aqui está tudo! Eu não encontrava...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Para mim! para mim!

(abre a caixa e começa a maquiar Mommina)

Levante o rosto. Oh, filha, minha filha, sabe quantos ainda dizem na cidade, como se diz de uma morta: “moça bonita, ela era! e que coração tinha”... Extinta agora... desse modo, é isso... desse modo... desse modo... o rosto de quem o ar não bate mais, nem vê mais o sol...

TOTINA

E as olheiras, as olheiras, agora...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim... é isso... assim...

DORINA

Não muito!

NENÊ

Não, ao contrário: muito, muito...

TOTINA

Os olhos de quem vai morrer de mágoa!

NENÊ

E agora, sobre as têmporas, os cabelos...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Sim, sim...

DORINA

Não brancos! Não brancos!

NENÊ

Minha cara Dorina...

TOTINA

É isso...bem... desse jeito... um pouco mais de trinta anos...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Empoeirados de velhice!

ATRIZ PRINCIPAL

Não vai querer nem mesmo que nós lhe penteemos os cabelos!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

(desgrenhando-os)

E então, espere: assim... assim...

NENÊ

(entregando-lhe o espelho)

E agora se olhe!

ATRIZ PRINCIPAL

(imediatamente afastando o espelho com as mãos)

Não! Deu sumiço neles...sumiço em todos os espelhos da casa. Sabe onde eu ainda poderia me olhar? Como uma sombra nos vidros, ou deformada no tremular da água de um alguidar... e fiquei empalidecida!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Espere: a boca! a boca!

ATRIZ PRINCIPAL

Sim... tirem todo o vermelho: não tenho mais sangue nas veias...

TOTINA

E os vincos, os vincos nos ângulos...

ATRIZ PRINCIPAL

E também algum dente, aos trinta anos, pode ter caído...

DORINA

(com um ímpeto de comoção, abraçando-a)

Não, não, minha Mommina, não, não!

NENÈ

(quase irada, também tomada pela comoção, pondo Dorina de lado)

Vamos arrancar o busto! Vamos arrancar o busto! Vamos despi-la!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Não; sobrepostas, sobrepostas a saia e a casaca!

TOTINA

Sim, muito bem; para parecer mais pesada!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Vão escorregar pelas suas costas, atrás, comigo enquanto uma velha...

DORINA

Ofegante, você irá pra casa...

ATRIZ PRINCIPAL

Atordoadade dor...

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Arrastando os pés...

NENÊ

Carne inerte...

(Cada uma delas, dizendo a sua última fala, se retrai na escuridão, à direita. A Atriz Principal, que permanece sozinha entre as três paredes nuas de seu cárcere, as quais foram erguidas no escuro da cena enquanto ela era maquiada e vestida, vem a bater alternadamente com a fronte em cada uma dessas paredes: primeiro na da direita, depois na do fundo, e depois na da esquerda. Quando a fronte da atriz toca cada uma das paredes, elas se fazem visíveis por um instante, por um golpe cortante de luz do alto, como o espocar de um raio, e tornam a desaparecer no escuro.)

ATRIZ PRINCIPAL

(com uma cadência lúgubre, crescendo em profunda intensidade, batendo a cabeça nas três paredes, como uma besta enlouquecida em uma jaula)

Isto é parede! Isto é parede! Isto é parede!

(Senta-se na cadeira com o ar e o comportamento de uma insensata. Permanece um pouco assim. À direita, onde se retraíram no escuro a mãe e as irmãs, surge da escuridão uma voz: a voz da mãe, que fala como se estivesse lendo uma história em um livro)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

“Foi aprisionada na casa mais alta da cidade. Uma vez trancada a porta, tranquem todas as janelas também, vidraças e persianas: uma só, pequena, aberta para a vista do campo e do mar distantes. Daquele vilarejo, alto na colina, não podia ver outra coisa a não ser o telhado das casas, os campanários das igrejas: telhados, telhados que gotejavam, a quem mais e a quem menos, tesos em tantos terraços, telhas, telhas, nada mais que telhas. Mas apenas a noite podia se aventurar a pegar um pouco de ar naquela janela.”

(na parede do fundo, como que velada e longínqua, se faz transparente uma pequena janela, pela qual um luar brando surge)

NENÊ

(do escuro, com voz baixa, contente, com tom de maravilhamento infantil, enquanto de longe, longe se ouve um som lânguido como o de uma serenata remota)

Ah, a janela, olhe, de verdade, a janela...

ATOR ESPIRITUOSO

(com voz baixa, do escuro também)

É, havia uma janela: mas quem a iluminou?

DORINA

Calados!

(a prisioneira permanece imóvel, e a mãe recomeça a falar, sempre como se lesse)

ATRIZ CARACTERÍSTICA

“Todos aqueles telhados, como pedestais negros, desatinavam embaixo delas, no clarão que se dissipava dos lumes das ruas estreitas do vilarejo em inclinação; ouvia no silêncio profundo das vielas mais próximas um barulho de passos que ecoavam; a voz de uma mulher que talvez esperasse como ela; o latido de um cachorro e, com angústia, o som do bater da hora no campanário da igreja mais próxima.

Mas por que esse relógio continua a medir o tempo? A quem se mostra o passar das horas? Tudo é morto e vão.”

(Depois de uma pausa, ouvem-se cinco batidas de sino, veladas, longínquas. As horas. Rico Verri aparece, triste. Acaba de chegar em casa. Traz um chapéu na cabeça; a gola do sobretudo, levantada; um cachecol no pescoço. Olha a mãe, lá, sempre imóvel na cadeira; depois, desconfiado, a janela.)

VERRI

O que você está fazendo aí?

MOMMINA

Nada. Estava esperando você.

VERRI

Você estava à janela?

MOMMINA

Não.

VERRI

Mas todas as noites você fica à janela.

MOMMINA

Esta noite, não.

VERRI

(depois de ter jogado numa cadeira o sobretudo, o chapéu e o cachecol)

Você nunca se cansa de pensar?

MOMMINA

Não penso em nada.

VERRI

As crianças estão na cama?

MOMMINA

Onde você queria que elas estivessem a esta hora?

VERRI

Eu pergunto para lembrá-la do único pensamento que você deveria ter: elas.

MOMMINA

Pensei nelas durante todo o dia.

VERRI

E agora, no que está pensando?

MOMMINA

(compreendendo a razão pela qual ele lhe faz essa pergunta com tanta insistência, primeiramente o olha com desdém; depois, adotando uma atitude de apática imobilidade, lhe responde)

Em ir atirar na cama esta minha carne desfeita.

VERRI

Não é verdade! Quero saber no que está pensando todo esse tempo; me esperando?

(pausa de espera, visto que ela não responde)

Não responde? É claro que não! Não pode me dizer!

(outra pausa)

Então, confessa?

MOMMINA

O que eu confesso?

VERRI

Que pensa em coisas que não pode me dizer!

MOMMINA

Eu lhe disse no que penso: em ir dormir.

VERRI

Com esses olhos, ir dormir? com essa voz...? Quer dizer: sonhar!

MOMMINA

Eu não sonho.

VERRI

Não é verdade! Todos sonhamos. Não é possível, ao dormir, não sonhar.

MOMMINA

Eu não sonho.

VERRI

Você mente! Eu lhe digo que não é possível.

MOMMINA

E então sonho: como queira...

VERRI

Sonha... Sonha... Sonha e se vinga!... Pensa e se vinga!... Que sonhos? me diga que sonhos!

MOMMINA

Não sei.

VERRI

Como não sabe?

MOMMINA

Não sei. Você diz que eu sonho. Tão pesado é meu corpo, e tão cansada me sinto, que caio assim que me deito na cama, num sono de chumbo. Não sei mais o que quer dizer sonhar. Se sonho, ao acordar não lembro mais com o que sonhei; parece-me que seja o mesmo que não ter sonhado. E talvez seja Deus que me ajuda assim!

VERRI

Deus? Deus lhe ajuda?

MOMMINA

Sim, a me fazer suportar esta vida, que, ao abrir os olhos, me pareceria mais atroz se, por pouco que fosse, no sonho, eu me iludisse de ter outra! Entende? Entende? Que quer de mim? Você me quer morta; que eu não pense mais; que eu não sonhe mais... E, ainda mais uma vez, pensar pode depender da vontade; mas sonhar (se eu pudesse sonhar) seria sem querer, dormindo; como você poderia impedir isso?

VERRI

(atormentando-se e agitando-se como uma besta enjaulada)

É isso! É isso! É isso! Fecho portas e janelas, coloco barras e trancas; e de que me serve isso se está bem aqui, aqui dentro, o cárcere, a traição? aqui em você, dentro de você, nessa sua carne secreta... viva... viva... a traição... se você pensa, se sonha, se lembra? Está na minha frente; me olha... posso quebrar-lhe a cabeça para ver por dentro o que pensa? Eu lhe pergunto: você me responde: “nada”; e no entanto, pensa; e no entanto, sonha, lembra, diante dos meus próprios olhos, olhando-me e, talvez, tendo outro em sua recordação; como posso sabê-lo? como posso vê-lo?

MOMMINA

Mas o que você quer que eu tenha mais aqui dentro se não sou mais nada; não me vê? nem mesmo outra, mais nada! Com a alma extinta, que quer que eu lembre ainda?

VERRI

Não fale assim! Não fale assim! Sabe que é pior quando fala assim!

MOMMINA

Está bem! Não, não falo, não falo; fique tranquilo!

VERRI

Mesmo que eu a cegasse, o que os seus olhos viram, as lembranças que você traz nos olhos lhe permaneceriam na mente; e se eu lhe arrancasse os lábios que beijaram, o prazer, o prazer, o sabor que sentiram beijando, você continuaria sempre a senti-lo dentro de si até morrer disso, até morrer desse prazer! Você não pode negar; se nega, mente; só pode chorar e se assustar com o que eu sofro junto com você, com o mal que lhe fiz, com o mal que lhe induziram a fazer a sua mãe e as suas irmãs; você não pode negá-lo; fizeram, você fez esse mal; e sabe, vê que eu sofro com isso; sofro ao ponto de tornar-me louco; sem culpa, somente pela loucura que cometi por ter me casado com você.

MOMMINA

Loucura, sim, loucura; e, sabendo como você era, não deveria tê-la cometido...

VERRI

Como eu era? ah, é? como eu era, você diz? Sabendo como você era, você deveria dizer: a vida que você teve com a sua mãe e as suas irmãs!

MOMMINA

Sim, sim, isso também, isso também! Mas se poderia pensar que teria percebido que eu não aprovava a vida que vivia na minha casa...

VERRI

Se você também a viveu!

MOMMINA

Não havia outro jeito! Eu estava lá...

VERRI

E somente quando me você conheceu, não a aprovou mais...

MOMMINA

Não, antes também, antes também! Tanto é verdade que agora você pensou que eu fosse melhor... não lhe digo isso por mim, para acusar os

outros e me desculpar, não; eu digo isso por você, para que você tenha piedade, não de mim, não de mim, se para você é como uma satisfação não tê-la; cruel, sim, comigo; cruel, sim, comigo; mas tenha piedade pelo menos de si mesmo, achando e pensando que eu fosse melhor; mesmo naquela vida, acreditando que poderia me amar...

VERRI

Tanto que casei com você! Certamente que pensei que você fosse melhor! E daí? Que piedade de mim? Se penso que amei você, que pude amar você a despeito da vida que você tinha tido... que piedade?

MOMMINA

Claro... reconhecendo que havia, pelo menos em mim, muito o que desculpar em você, em parte pela loucura cometida por você ter se casado comigo, é isso... eu o digo por você!

VERRI

E não é pior? Por acaso, apago com isso a vida que você teve antes que eu tivesse me apaixonado por você? Ter me casado com você porque você era melhor não pode desculpar a minha loucura; na verdade, a agrava, porque mais grave, tão mais grave se torna o mal daquela sua vida quanto melhor você foi. Eu tirei você daquele mal, mas atraindo-o todo para mim, aqui na prisão, para pagá-lo junto com você, como se o tivesse cometido eu também; e sentindo-me devorado por esse mal, sempre vivo, sempre mantido vivo por aquilo que sei sobre a sua mãe e sobre as suas irmãs!

MOMMINA

Eu não sei de mais nada sobre isso!

NENÈ

(surgindo do escuro)

Oh, vil! Agora lhe fala de nós!

VERRI

(gritando, terrível)

Silêncio! As senhoras não estão presentes aqui!

SENHORA IGNAZIA

(vindo do escuro em direção à parede)

Besta, besta, você a tem entre os dentes, ali na jaula a dilacerá-la.

VERRI

(tocando a parede duas vezes com a mão e, com seu toque, tornando-a visível)

Isto é parede! Isto é parede! As senhoras não estão presentes!

TOTINA

(vindo também, com as outras, em direção à parede, agressiva)

E se aproveita, vil, para dizer desonras a nosso respeito?

DORINA

Estávamos morrendo de fome, Mommina!

NENÈ

Havíamos tocado o fundo do poço!

VERRI

E como as senhoras se reergueram?

SENHORA IGNAZIA

Canalha! Ousa encará-la novamente, você que a está fazendo morrer desesperada!

NENÈ

Nós desfrutamos!

VERRI

As senhoras se venderam! Desonradas!

TOTINA

E a honra que você lhe conservou, como a está fazendo pagar?

DORINA

A mamãe está bem agora. Mommina! Precisa ver como ela está bem!
Como está vestida! que belo casaco de peles de castor!

SENHORA IGNAZIA

Mérito de Totina, que se tornou uma grande cantora!

DORINA

Totina La Croce!

NENÈ

Todos os teatros a querem!

SENHORA IGNAZIA

Festas! Triunfos!

VERRI

E a desonra!

NENÈ

Viva a desonra se a honra é isso que você dá a sua mulher!

MOMMINA

(de repente, com ímpeto de afeto e de piedade pelo marido, que se prosta com as mãos na cabeça)

Não, não, eu não digo isso; eu não digo isso; não lamento nada...

VERRI

Querem que eu seja condenado...

MOMMINA

Não, não. Eu sinto que você deve gritar; deve gritar todo o seu tormento para desabafar!

VERRI

Elas me inflamam! Se soubesse o escândalo que continuam a fazer! Todos falam disso na cidade, e imagine a minha cara... A vitória que obtiveram as desenfreou, tornou-as mais despudoradas...

MOMMINA

Até Dorina?

VERRI

Todas. Até Dorina; mas especialmente Nenè, que é uma *cocotte*...

(Mommima cobre o rosto)

Sim, sim... pública!

MOMMINA

E Totina virou cantora?

VERRI

Sim, nos teatros... de província, vale notar... onde o escândalo se torna maior, com essa mãe e as irmãs...

MOMMINA

Ela vive cercada delas?

VERRI

Cercada de todas, na bazófia! O que foi? Isso te irrita?

MOMMINA

Não... Estou sabendo disso agora... Não sabia de nada disso...

VERRI

E você se sente estremecer? O teatro, não é? Quando você também cantava... Com aquela beleza de voz! A mais bela voz era a sua! Pense que outra vida! Cantar em um teatro grande... A sua paixão, cantar... Luzes, esplendores, delírios...

MOMMINA

Não...

VERRI

Não diga que não! Você está pensando nisso!

MOMMINA

Eu lhe digo que não!

VERRI

Como não? Se você tivesse permanecido com elas... fora daqui... Que outra vida seria a sua... em vez desta...

MOMMINA

Mas é você que me faz pensar nisso! O que quer mais que eu pense, abatida como estou?

VERRI

Está aflita?

MOMMINA

Tenho o coração na boca...

VERRI

Sim, naturalmente! A saudade...

MOMMINA

Quer me matar!

VERRI

Eu? As suas irmãs, aquela que você foi, o passado que se revolve dentro de você e lhe faz o coração ir para a boca!

MOMMINA

(ofegante, com as mãos no peito)

Por favor, eu lhe suplico... não estou mais respirando...

VERRI

Mas você vê que é verdade, vê que é verdade o que eu lhe digo?

MOMMINA

Tenha compaixão...

VERRI

Aquela que você foi... os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos... você pensava que tinham sido apagados, exauridos... não é verdade? Mal eu a fiz lembrar-se deles e ei-los novamente em você, vivos, os mesmos!

MOMMINA

É você que os relembra...

VERRI

Não, ninguém os relembra, porque vivem sempre... você não sabe, mas vivem sempre em você... escondidos na consciência! Você tem viva sempre, dentro de si, toda a vida que viveu! Basta um nada, uma palavra, um som... a menor das sensações... olhe, em mim, o cheiro da sálvia, e eu estou no campo, em agosto, menino de oito anos, atrás da casa do criado, à sombra de uma grande oliveira, com medo de um grande zangão azul, fosco, zumbindo vorazmente dentro do cálice branco de uma flor; vejo trepidar, no caule, essa flor violentada, à mercê da voracidade feroz dessa besta que me dá medo; e eu o tenho aqui, agora, esse medo, eu o tenho aqui! Imaginemos você, toda aquela sua vida, as coisas que aconteciam

entre você e as outras meninas e todos aqueles rapazes pela casa, fechados, neste, naquele quarto... não negue... eu vi... coisas... a Nenè, uma vez com Sarelli... pensavam que estavam a sós e tinham deixado a porta da frente encostada... ali eu pude ver... Nenè fingiu que escapava dele em direção à porta dos fundos... havia uma tenda, verde... depois de sair, ela reapareceu logo, logo, debaixo dos panos daquela tenda... descobriu os seios, tirando a blusa de seda rosa... e com a mão fazia sinal de oferecê-los e, imediatamente, com a mesma mão, os escondia... Eu mesmo vi aqueles seios maravilhosos... pequenos: podem-se pegar inteiros com as mãos! Licença para fazer tudo... Antes que eu chegasse, você com o tal de Pomàrici... eu soube!... mas, antes mesmo de Pomàrici, sabe-se lá com quantos outros! Por anos, aquela vida, com a casa aberta a todos...

(vai para cima dela, fremente, contrafeito)

Você, certas coisas... certas coisas... as primeiras, comigo... se realmente, como você me disse, as ignorasse desde então... não teria podido fazê-las...

MOMMINA

Não, não, eu lhe juro, jamais, jamais antes de você, jamais!

VERRI

Abraços, apertos, o tal de Pomàrici, sim... os braços, como é que ele apertava os seus braços? assim? assim?

MOMMINA

Ai, está me machucando!

VERRI

E ele dava prazer a você, não? E a cintura, como é que ele apertava a sua cintura? Assim? assim?

MOMMINA

Por caridade, deixe-me! Eu morro!

VERRI

(agarrando-a, com uma das mãos na nuca, foribundo)

E a boca, a boca? como ele beijava a sua boca? Assim?... Assim?... Assim?

(e a beija e a morde e ri debochadamente e arranca-lhe os cabelos, como que enlouquecido; enquanto Mommina, procurando desvencilhar-se, grita desesperadamente)

MOMMINA

Socorro! Socorro!

(acodem-na, com as camisolas longas, as duas meninas, assustadas, e se agarram à mãe, enquanto Verri foge, levando o chapéu que estava na cadeira e gritando)

VERRI

Estou enlouquecendo! Estou enlouquecendo! Estou enlouquecendo!

MOMMINA:

(ajeitando-se e usando as duas meninas como escudo)

Vá embora! Fora daqui! Fora daqui, bruto, fora, fora, deixe-me com as minhas meninas!

(prostra-se, extenuada, na cadeira; as duas meninas estão perto dela, e ela as abraça com intensidade, uma de cada lado)

Minhas filhas, minhas filhas, o que vocês são obrigadas a ver! Fechadas comigo, com esses rostinhos de cera e esses olhos grandes, arregalados de medo! Ele foi embora, ele foi embora; não é preciso mais tremer assim; é só ficar um pouco comigo, aqui... Vocês não estão com frio, não? A janela está fechada. Já é tarde da noite. Vocês estão sempre grudadas nessa janela, como duas pobretonas mendigando a vista do mundo... Contem no mar as velas brancas das balandras e os vilarejos brancos no campo, onde vocês jamais estiveram; e querem saber de mim. Oh, filhas, minhas filhas, que sorte a de vocês! Pior do que a minha! Mas vocês, pelo menos, não sabem disso! E a mãe de vocês tem tanta dor, tanta dor aqui no coração; me bate, está no peito como um galope, um galope de cavalo que escapou. Aqui, aqui, me deem as mãozinhas, sintam, sintam... Deus dará o martírio a vocês também, porque não pode abrir mão disso; é a sua natureza; o martírio também se dá a si mesmo! Mas vocês são inocentes... vocês são inocentes...

(Traz a cabecinha das meninas para perto de seu rosto e permanece assim.

Como conjuradas, a mãe e as filhas se aproximam da parede à esquerda, emergindo do escuro, ostensivamente paradas de modo a compor um quadro de cor vivíssima, apropriadamente iluminado do alto.)

SENHORA IGNAZIA

(chamando com voz baixa)

Mommina... Mommina...

MOMMINA

O que é?

DORINA

Somos nós, Mommina!

NENÈ

Estamos aqui! Todas.

MOMMINA

Aqui, onde?

TOTINA

Aqui... na cidade; vim cantar aqui!

MOMMINA

Totina... você?... cantar aqui?

NENÈ

Aqui, sim, no teatro daqui!

MOMMINA

Ah, meu Deus, aqui? e quando? quando?

NENÈ

Esta noite, esta noite!

SENHORA IGNAZIA

Deixem que eu também diga uma coisa, meninas benditas! Ouça, Mommina... olhe aqui... o que eu queria dizer?... ah, sim... olhe, quer uma prova? Seu marido deixou ali o sobretudo, ali na cadeira...

MOMMINA

(virando-se para olhar)

Sim, é verdade.

SENHORA IGNAZIA

Procure, procure em um daqueles bolsos e veja o que encontra!

(em voz baixa, para as meninas)

É preciso ajudá-la a fazer a cena, agora; estamos no final!

MOMMINA

(levantando-se e indo revistar febrilmente os bolsos do sobretudo)

O quê? O quê?

NENÈ

(em voz baixa, para a Atriz Característica)

A senhora responde?

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Ah, não! Diga... Que histórias!

NENÈ

(em voz alta, para Mommina)

O anúncio do teatro... um daqueles panfletinhos amarelos, sabe? que aqui na província se distribuem nos cafés...

SENHORA IGNAZIA

Você vai encontrar o nome da Totina estampado em letras grandes... o nome da prima-dona!

(desaparecem)

MOMMINA

(encontrando-o)

Aqui está! Aqui está...

(abre-o e lê)

“O Trovador... O Trovador... Leonora... soprano... Totina La Croce... Esta noite...” A tia, minhas filhotas, a tia, a tia que canta... e a avó e as

outras tias... estão aqui! estão aqui!

(*pensando na fúria do marido*)

Ah, por isso... aqui, na cidade ...Totina cantando no teatro daqui... Então, a cidade tem um teatro? Eu não sabia... A tia Totina... então, é verdade! Talvez com o estudo, a voz... É, se pode cantar no teatro... Mas vocês nem mesmo sabem o que é um teatro, minhas pobres filhas... O teatro, o teatro, agora eu lhes digo como é... A tia Totina canta para nós esta noite... Só Deus sabe como ficará bonita de Leonora...

(*arrisca cantar*)

*“Tacea la notte placida
e bella in ciel sereno
la luna il viso argenteo
mostrava lieto e pieno...”**

Veem que eu também sei cantar? Sim, sim, eu também, também sei cantar; eu cantava sempre, eu, antes; sei *O Trovador* todo de cor; e eu o canto para vocês; faço teatro agora para vocês; vocês que nunca viram, minhas pequeninas, aprisionadas comigo. Sentem-se, sentem-se aqui diante de mim, as duas lado a lado nas suas cadeirinhas. Eu faço teatro para vocês! Antes, digo-lhes como é:

(*senta-se diante das duas meninas confusas; treme toda, e gradualmente vai ficando mais agitada, até que o coração, faltando-lhe, a faz cair de repente, morta*)

Uma sala, uma sala grande, grande, com muitas filas de frisas ao redor, cinco, seis filas cheias de senhoras bonitas e galantes, plumas, gemas preciosas, leques, flores; e os senhores de fraque, o peitilho da camisa com pérolas no lugar de botões e a gravata branca; e muita, muita gente lá embaixo também, na plateia: um mar de cabeças; e luzes, luzes por todos os cantos; um candelabro no meio, pendendo como que do céu, parecendo ser todo de brilhantes; uma luz que ofusca, que inebria, como vocês não podem nem imaginar; e um murmúrio, um movimento; as senhoras falam com os seus cavalheiros, se cumprimentam de seus

camarotes; há aqueles que ocupam os seus lugares lá embaixo na plateia, aqueles que olham com binóculos... os de madrepérola, aqueles que lhes ofereci para olharem o campo... aqueles! Eu os levava, os levava a mamãe de vocês quando ia ao teatro, e ela nos olhava também, então... De repente, as luzes se apagam; ficam acesas somente as lampadinhas verdes das estantes de partitura da orquestra, que está diante da plateia, abaixo da cortina; os músicos já estão ali, muitos! afinando os seus instrumentos; e a cortina é como uma tenda, mas grande, pesada, toda de veludo vermelho e franjas de ouro, uma magnificência; quando se abre (porque o maestro chegou com a sua batuta para comandar os músicos), começa a ópera; vê-se o palco, onde há um bosque ou uma praça ou um palácio real; e a tia Totina vem cantar para nós com os outros enquanto a orquestra toca. Isso é o teatro. Mas, eu, antes, tinha, antes, a voz mais bonita, não a tia Totina; eu, eu, a mais bonita de todas, tinha uma voz que... como todos diziam na época, com aquela voz, eu deveria ter ido cantar nos teatros; eu, a mamãe de vocês; em vez de mim, foi a tia Totina... É, ela teve a coragem... A cortina se abre; portanto, ouçam... puxam-na de um lado a outro... abre-se um átrio no palco, o átrio de um grande palácio, com soldados que passeiam ao fundo, e muitos cavaleiros, com um tal de Ferrando à espera do chefe, o Conde de Luna. Estão todos vestidos à antiga, com mantilhas de veludo, chapéus com plumas, espadas, polainas... É noite; eles estão cansados de esperar o Conde, que, apaixonado por uma grande dama da corte da Espanha chamada Leonora, tem inveja da corte e está escondido, espiando embaixo das sacadas dos aposentos dela, nos jardins do palácio real; porque sabe que para Leonora, todas as noites, o Trovador (que quer dizer alguém que canta e que é guerreiro também) vem cantar a canção.

(canta)

*“Deserto sulla terra...”**

(interrompe-se por um momento para dizer, quase para si mesma)

Ah, Deus, o coração...

(e de repente para cantar, com mais dificuldade, lutando contra a angústia que também se origina da comoção de se sentir cantando)

*“Col mio destino in guerra,
È sola speme un cor (três vezes)
...un cor... al Trovator...”***

Eu não posso mais cantar... eu estou... eu estou com falta de ar... o coração... o coração me causa angústia... há muitos anos que não canto... Porém, talvez, pouco a pouco, o fôlego, a voz me venham... Vocês devem saber que esse Trovador é irmão do Conde de Luna... sim... mas o Conde não sabe, e tampouco o Trovador sabe, porque foi roubado quando era criança. É uma história terrível; escutem! A mesma cigana, que se chama Azucena, a conta no segundo ato. Sim, era meu, meu o papel de Azucena. Azucena roubou o menino para se vingar pela mãe queimada viva, inocente, pelo pai do Conde de Luna. São vagabundas que leem a sorte, as ciganas, e existem ainda, e realmente têm fama de roubar crianças; tanto que todas as mães tomam cuidado com elas. Mas Azucena rouba o filho do Conde, conforme eu lhes disse, para vingar a mãe, e quer lhe dar a mesma morte que teve a sua mãe inocente; acende o fogo, mas no furor da vingança, quase louca, ela troca o próprio filho pelo filho do conde e queima o seu próprio rebento; compreendem? o seu próprio filho! “O meu filho... o meu filho...” Eu não posso cantá-lo para vocês... Vocês não sabem o que esta noite é para mim, minhas filhas... Logo O Trovador... essa canção da cigana... enquanto eu, uma noite, a cantava com todos ao meu redor...

(canta entre lágrimas)

*“Chi del gitano la vita abbella?
la zingarella!”*

... o meu pai, naquela noite, o meu pai... o avô de vocês... foi levado para casa todo ensanguentado... e tinha ao seu lado uma espécie de cigana... e, naquela noite, naquela noite, minhas filhotas, cumpriu-se, cumpriu-se o meu destino... o meu destino...

(levanta-se, desesperada, e canta a plenos pulmões)

*“Ah! che la morte ognora
è tarda nel venir*

a chi desia

a chi desia morir!

Addio,

*Addio, Leonora, addio...”**

(Cai de repente, morta. As duas meninas, mais do que nunca confusas, não suspeitam de nada; creem que a mãe esteja fazendo teatro; e permanecem ali, imóveis, nas cadeiras, esperando. O silêncio, naquela imobilidade, torna-se mortal. Até que, no escuro, do fundo, à esquerda, surgem, ansiosas, as vozes de Rico Verri, da Senhora Ignazia, de Totina, Dorina e Nenè.)

VERRI

Canta: escutaram? era a sua voz...

SENHORA IGNAZIA

Sim, como o passarinho na gaiola!

TOTINA

Mommina! Mommina!

DORINA

Aqui estamos nós! E com ele, que se rendeu...

NENÈ

Com o triunfo de Totina... tivesse pretendido!... a cidade em de...

(quer dizer “em delírio”, mas se interrompe, estarecida, com os outros, pela visão do corpo inerte no chão e das duas meninas esperando imóveis)

VERRI

O que foi?

SENHORA IGNAZIA

Morta?

DORINA

Estava fazendo teatro para as meninas!

TOTINA

Mommina!

NENÈ

Momminal!

(Quadro. Da porta de entrada para a sala de teatro, surge com entusiasmo, correndo pelo corredor, o Doutor Hinkfuss, diretamente para o palco.)

DOCTOR HINKFUSS

Magnífico! Magnífico quadro! Vocês fizeram como eu disse! Na novela não tem isso!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

Lá vem ele de novo!

ATOR ESPIRITUOSO

(surgindo da esquerda)

Mas ele ficou aqui o tempo todo, com os eletricitistas, escondido, controlando as passagens de luz!

NENÈ

Ah, por isso, tão bonitas...

TOTINA

Eu suspeitei quando nós aparecemos em grupo...

(aponta para o outro lado, à direita, atrás da parede)

... deve ter tido um efeito bonito daqui de baixo!

DORINA

(indicando o Ator Espirituoso)

Eu estava muito inclinada a achar que ele tinha conseguido esse efeito!

ATRIZ CARACTERÍSTICA

(mostrando a Atriz Principal ainda no chão)

Mas por que a senhorita não se levanta? Ainda está ali...

ATOR ESPIRITUOSO

Ué, será que está morta de verdade?

NENÈ

Oh, meu Deus, ela desmaiou! Vamos levá-la!

ATRIZ PRINCIPAL

(levantando somente o tronco sozinha)

Não... obrigada... É o coração, de verdade... me deixem, me deixem respirar...

ATOR ESPIRITUOSO

Naturalmente! Se quer que se viva... eis aí as consequências! Mas nós não estamos aqui pra isso! Nós estamos aqui pra interpretar... papéis escritos, memorizados. O senhor não pretende que, a cada noite, um de nós deixe a própria pele!

ATOR PRINCIPAL

É necessário um autor!

DOUTOR HINKFUSS

Não, o autor não! Os papéis escritos, sim, se for o caso, de modo que lhes demos vida novamente, nós, por um momento, e...

(dirigindo-se ao público)

... sem as impertinências desta noite, que o público há de perdoar.

(inclina-se)

PANO

Berlim, 24 de março de 1929

* “A chama crepita.”

* “À obra! À obra! Golpeie, martele./ Quem embeleza a vida do cigano?”

** “A cigana!”

* “Veja! Os restos das sombras noturnas,/ dos céus desnuda a imensa abóbada:/ parece uma viúva que, ao fim, tira/ os panos escuros que a envolviam.”

* “A chama crepita! a multidão indômita/ Corre àquele fogo com semblante contente!/ Gritos de alegria ecoam ao redor:/ Escoltada por guardas, uma mulher vai adiante.”

* “Pequena cigana”.

** Contente, sim, com semblante contente.

* “nem poderei tirar/ a sua imagem do coração...”

* “Cala-se a noite plácida/ e bela no céu sereno/ a lua o rosto de prata/ mostrava alegre e pleno...”

* “Deserto na terra...”

** “Com o perverso destino em guerra,/ A única esperança é um coração/ ... um coração... para o Trovador...”

* “Ah! que a morte a toda hora/ é tardia em vir/ a quem deseja/ a quem deseja morrer!/ Adeus,/ Adeus, Leonora, adeus...”

Cronologia

1867

Nasce Luigi Pirandello em Girgenti (hoje Agrigento), Sicília, Itália, filho de Stefano Pirandello e Caterina Ricci Gramitto.

1880

Escreve seus primeiros poemas. A família se muda para Palermo, onde Pirandello termina seus estudos básicos, iniciados em casa.

1886

Ingressa na Universidade de Palermo, nos departamentos de Letras e de Direito, mas abandona o segundo em alguns meses.

1887

Muda-se para Roma com intenção de continuar os estudos.

1889

Devido a um conflito com um professor de latim, abandona a Universidade de Roma e é transferido, por carta de recomendação de outro tutor, para a Universidade de Bonn, na Alemanha, onde permanece por dois anos. Publica *Mal giocondo*, sua primeira coletânea de poemas.

1891

Recebe o título de doutor em filologia românica com tese escrita em alemão sobre o dialeto de sua cidade natal. *Pasqua di Gea*, nova coletânea de poemas.

1893

Escreve seu primeiro romance, *L'esclusa*.

1894

Lança *Amori senza amore* (novelas). Casa-se com Maria Antonietta Portulano.

1895

Nasce o primeiro filho do casal, Stefano, que se tornaria dramaturgo sob o pseudônimo de Stefano Landi.

1896

Publica tradução das elegias de Goethe.

1897

Nasce sua filha Rosalia (Lietta).

1897-1922

Lecciona estética e estilística no Real Istituto di Magistere Femminile, em Roma.

1898

Funda o semanário *Ariel* com Italo Falbo e Ugo Fleres.

1899

Nasce Fausto, terceiro e último filho.

1901

Publicação de *L'esclusa* e de *La Zampogna* (poemas).

1902

Beffe della morte e della vita (narrativa breve) e *Il turno* (romance).

1903

Segundo volume de *Beffe della morte e della vita*. Devido ao alagamento de minas em Aragonna, nas quais Stefano (pai) havia investido enorme quantia de dinheiro, a família entra em bancarrota. Desde então, o equilíbrio psicológico de Antonietta é permanentemente abalado.

1904

Bianche e neve (narrativa breve). *Il fu Mattia Pascal* (romance) em capítulos na revista *Nuova Antologia*.

1905

Tradução para o alemão de *Il fu Mattia Pascal*. Início do reconhecimento internacional.

1906

Erma bifronte (narrativa breve) e *Scamandro* (teatro).

1908

Dois volumes de ensaios: *Arte e scienza* e *L'umorismo*. Inicia polêmica com o escritor e político Benedetto Croce.

1909

Passa a colaborar com o jornal *Corriere della Sera*, atividade que manterá até o fim da vida.

1910

Antonietta passa a apresentar comportamento fisicamente violento e ciúme obsessivo. *La vita muda* (novelas), *Lumie di Sicilia* e *La morsa* (teatro).

1911

Suo marito (romance).

1912

Última coletânea de poemas, *Fuori di chiave*.

1913

Estreia de *Il dovere del medico*. Publicação do romance *I vecchi e i giovani*.

1914

Antonietta é acometida por um ataque de paranoia, Pirandello recusa-se a interná-la.

1915

Primeira Guerra Mundial: Stefano e Fausto partem para o *front*, onde o primeiro é feito prisioneiro pelas tropas austríacas. Morre Caterina, mãe do autor. O estado de saúde mental de Antonietta se agrava. Estreia da peça *Cecè*. Publicação em capítulos do romance *Si gira*, considerado o primeiro texto literário a tratar do mundo do cinema, publicado em livro sob o título *Quaderni di Serafino Gubbio operatore*. Duas coletâneas de textos curtos: *La trappola* e *Erba del nostro orto*.

1916

Antonietta acusa o escritor de manter relações incestuosas com Lietta, tenta o suicídio e foge de casa. Sucesso das peças *Liola* e *Pensaci, Giacomo!*.

1917

Estreia *Assim é (se lhe parece)* no Teatro Olímpia, em Milão. *E domani, lunedì* (narrativa breve).

1918

Lietta vai morar com uma tia. Estreias de *Il giuoco delle parti*, *La patente* e *Ma non è una cosa seria*. Primeiro volume de *Maschere nude*, que reunirá sua obra dramática completa (o trigésimo primeiro e último volume aparecerá em 1935).

1919

Stefano é libertado do cativeiro. Antonietta é internada definitivamente em uma casa de saúde. Lietta retorna. Estreias de *L'innesto* e *L'uomo, la bestia e la virtù*.

1920

Primeiro filme adaptado de sua obra, *Il crollo*. Seguem-se *Il lume dell'altra casa* e *Il scaldino*. Em vida do autor, somam-se 14 adaptações. Criação de *Tutto per bene* e de *Come prima, meglio di prima*, primeiro grande sucesso teatral. Estreia de *La signora Morli, una e due*.

1921

A Compagnia di Diario Nicomedi encena *Sei personaggi in cerca d'autore* [*Seis personagens à procura de um autor*] no Valle di Roma. O autor e sua filha Lietta são forçados a sair por uma porta lateral para evitar a plateia enfurecida. A mesma peça, no entanto, faz estrondoso sucesso em Milão. Morre Stefano, pai do autor.

1922

Sei personaggi in cerca d'autore é encenada, em inglês, em Nova York e Londres. Na Itália, sucesso de *Enrico IV* [*Henrique IV*] e *Vestire gli ignudi*; criação de *All'uscita*.

1923

Criação de *La vita che ti diedi*. Estreia de *L'uomo dal fiore in bocca* e *L'altro figlio*. A propósito de um artigo sobre o aniversário da Marcha sobre Roma, aproxima-se de Benito Mussolini. Inicia sua relação com a atriz Marta Abba.

1924

Em uma carta aberta, publicada pelo jornal *L'Impero*, solicita sua adesão ao Partido Fascista “porque sou italiano”.

1925

Nomeado diretor do Teatro d'Arte di Roma, supostamente por influência de Benito Mussolini. Estreia do balé *La giara* em Paris.

1925-1926

Publicação por episódios de *Uno, nessuno e centomila* na revista *Fiera Letteraria*.

1926

Desentendimento com a filha e com o genro, desencadeando a partida de ambos para o Chile.

1927

Estreia *Diana e la Tuda, L'amica delle mogli* e *Bellavitta*. Rasga seu cartão do Partido Fascista diante de seu secretário-geral. Pelo resto da vida, será observado pelo serviço secreto fascista, a OVRA.

1928

Instala-se em Berlim. O Teatro d'Arte di Roma fecha suas portas por falta de verba.

1929

É nomeado para a Academia Reale d'Italia, fundada por Mussolini. Estreia de *O di uno o di nessuno* e de *Lazzaro*.

1930

Estreia de *Come tu mi vuoi* e de *Esta noite se improvvisa*. Seu romance *In silenzio* é adaptado ao cinema sob o título *La canzone dell'amore*, primeiro filme falado italiano.

1931

Encenação de *Come tu mi vuoi* na Broadway. Instala-se em Paris com Marta Abba.

1932

Reunião com Mussolini em março; tenta convencer o *duce* a fundar um Teatro Nacional. Retorna a Roma. Criação de *Trovarsi*. A MGM adapta sua peça *Come tu mi vuoi* às telas sob o título *As you desire me*, com Greta Garbo e Erich von Stroheim.

1933

Passa o verão em Buenos Aires em companhia de Marta Abba. Encontra Lietta.

1934

É agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura “por sua intrépida e inventiva renovação da arte cênica e dramática”. Pouco tempo depois, doa a medalha do Nobel à “coleta do ouro” promovida por Mussolini.

1935

Tenta mais uma vez convencer Mussolini a criar um Teatro Nacional. Vai a Nova York, mas seu apoio à invasão da Etiópia pela Itália lhe rende uma recepção morna. Sofre um ataque cardíaco. Estreia *Non si sà come*.

1936

Falece em Roma, no dia 10 de dezembro, em sua casa na Via Bosio.

Bibliografia

I. DO AUTOR

Poesia

Mal giocondo, 1889.

Pasqua di Gea, 1891.

Elegie renane, 1895.

La Zampogna, 1901.

Fuori di chiave, 1912.

Narrativas breves

Amori senza amore, 1894.

Quand'ero matto, 1902.

Beffe della morte e della vita – 2 vol. – 1902-1903.

Bianche e neve, 1904.

Erma bifronte, 1906.

La vita nuda, 1910.

Terzetti, 1912.

Le due maschere, 1914.

La trappola, 1915.

Erba del nostro orto, 1915.

E domani, lunedì, 1917.

Un cavallo nella luna, 1918.

Berecche e la guerra, 1919.

Il carnevale dei morti, 1919.

La rallegrata, 1922.

Lo scialle nero, 1922.

L'uomo solo, 1922.

La mosca, 1923.

In silenzio, 1923.

Tutt'e tre, 1924.

Dal naso al cielo, 1925.

Donna Mimma, 1925.

Il vecchio dio, 1926. [O *velho Deus*, São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2001]

Il viaggio, 1928.

Candelora, 1928.

Una giornata, 1937.

Romances

L'esclusa, 1901. [A *excluída*, São Paulo: Germinal, 2004]

Il turno, 1902.

Il fu Mattia Pascal, 1904. [O *falecido Mattia Pascal*, São Paulo: Nova Alexandria, 2007]

Suo marito, 1911. [Reeditado como *Giustino Roncella nato Boggìolo* in *Tutti i romanzi*, 1944]

I vecchi e i giovani, 1913.

Si gira, 1916. [Edição revista de *Quaderni di Serafino Gubbio operatore*, 1915]

Uno, nessuno e centomila, 1926. [Um, *nenhum e cem mil*, São Paulo: Cosac Naify, 2001]

Teatro

Scamandro, 1909.

Se non così, 1917. (Reeditado como “La ragione degli altri” in *L'innesto*, 1921) [A *razão dos outros*, São Paulo: Lumme Editor, 2009]

Liolà, 1917.

All'uscita, 1917.

Così è (se vi pare), 1917.

Pensaci, Giacomino!, 1918.

Il piacere dell'onestà, 1918.

Il giuoco delle parti, 1919.

Ma non è una cosa seria, 1919.

Lumière di Sicilia, 1920.

Il berretto a sonagli, 1920.

La patente, 1920.

Tutto per bene, 1920.

Come prima, meglio di prima, 1921.

L'innesto, 1921.

Sei personaggi in cerca d'autore, 1921. [*Seis personagens à procura de um autor*, São Paulo: Peixoto Neto, 2004]

Enrico IV, 1922. [in *Henrique IV e Pirandello: roteiro para uma leitura*, São Paulo: Edusp, 1990]

La signora Morli, una e due, 1922.

L'uomo, la bestia e la virtù, 1922. [in *O enxerto; O homem, a besta e a virtude*, São Paulo: Edusp, 2003]

Vestire gli ignudi, 1923. [*Vestir os nus*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007]

La vita che ti diedi, 1924.

L'altro figlio, 1925.

La giara, 1925.

Sagra del Signore della Nave, 1925.

Cecè, 1926.

All'uscita, 1926.

Il dovere del medico, 1926.

La morsa, 1926.

L'uomo dal fiore in bocca, 1926.

L'imbecille, 1296.

L'amica delle mogli, 1927.

Diana e la Tuda, 1927.

La nuova colonia, 1928.

Lazzaro, 1929.

O di uno o di nessuno, 1929. [*Ou de um ou de nenhum*, São Paulo: Lumme Editor, 2010)

Come tu mi vuoi, 1930.

Questa sera si recita a soggetto, 1930.

Trovarsi, 1932.

Quando si è qualcuno, 1933.

Non si sa come, 1935.

Sogno (ma forse no), 1936.

L'amica delle mogli, 1936 .

Ma non è una cosa seria, 1937.

Bellavita, 1937.

La nuova colonia, 1938.

La favola del figlio cambiato, 1938.

I giganti della montagna, 1938.

Não ficção

Laute und Lautentwicklung der Mundart von Girgenti, 1891.

Arte e scienza, 1908.

L'umorismo, 1908.

II. SOBRE O AUTOR (EM LIVRO, NO BRASIL)

Bernardini, Aurora Fornoni. *Henrique IV e Pirandello – Roteiro para leitura*.

São Paulo: Edusp, 1990.

Ginsburg, Jacó. *Pirandello – Do teatro no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Serge, Carlos David. *O casal em Pirandello*. São Paulo: Lemos, 1994.

Sobre o tradutor

Sergio N. Melo nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1962. Formou-se em interpretação pela Casa das Artes de Laranjeiras (Rio de Janeiro), em dramaturgia pela Scuola d'Arte Drammatica Paolo Grassi (Milão, Itália) e em letras (literaturas em inglês) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Mestre em literaturas de língua inglesa pela UERJ, é doutor em teatro pela University of Toronto (Canadá). De 1986 a 1990 foi cofundador e membro da companhia Teatro Metábole, na capital fluminense, e, de 1998 a 2003, roteirista da TV Globo.